

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS  
JORNALISMO

BRUNO PROCHNOW ABICHÉQUER

**REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DOS SETORISTAS DE ESPORTES - IMPLICAÇÕES  
TÉCNICAS E ÉTICAS: UM ESTUDO SOBRE A ATUAÇÃO DOS REPÓRTERES DAS  
RÁDIOS BANDEIRANTES EM PORTO ALEGRE E SÃO PAULO**

Porto Alegre  
2019

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

BRUNO PROCHNOW ABICHÉQUER

**REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DOS SETORISTAS DE ESPORTES -  
IMPLICAÇÕES TÉCNICAS E ÉTICAS: UM ESTUDO SOBRE A ATUAÇÃO DOS  
REPÓRTERES DAS RÁDIOS BANDEIRANTES EM PORTO ALEGRE E SÃO  
PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do grau de  
Bacharel em Jornalismo pela Escola de  
Comunicação, Artes e Design da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Área  
de Concentração: Jornalismo

Orientador: Prof. Me. Tércio Saccol

Porto Alegre  
2019

BRUNO PROCHNOW ABICHÉQUER

**REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DOS SETORISTAS DE ESPORTES -  
IMPLICAÇÕES TÉCNICAS E ÉTICAS: UM ESTUDO SOBRE A ATUAÇÃO DOS  
REPÓRTERES DAS RÁDIOS BANDEIRANTES EM PORTO ALEGRE E SÃO  
PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do grau de  
Bacharel em Jornalismo pela Escola de  
Comunicação, Artes e Design da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Área  
de Concentração: Jornalismo

Aprovado em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Me. Tércio Saccol (PUCRS)

---

Prof.<sup>a</sup> Me. Fabio Canatta (PUCRS)

---

Prof.<sup>a</sup> Me. Filipe Pereira Gamba (PUCRS)

Porto Alegre  
2019

## AGRADECIMENTOS

Envolto em uma armadura que busca - de forma ineficaz - esconder os sentimentos, me faço obrigado a agradecer aos personagens que fizeram com que esse momento fosse possível. Embora eu não seja favorável, vamos ao uso dos clichês:

Inicialmente agradeço aos meus familiares pelo apoio incondicional em todas as decisões tomadas por mim e por nunca desistirem de mim, mesmo com o histórico escolar nem um pouco favorável. Pai, aquele que me influenciou a amar o futebol, esporte que deixou de ser apenas paixão para se tornar *hobby* e profissão, obrigado por todas as idas aos estádios, apesar das dificuldades encontradas no caminho. Uma das conquistas pessoais é ter conseguido retribuir estas oportunidades, Seu Samir, te levando para um jogo do nosso time, assando um churrasco para ti e para os nossos amigos no momento de maior euforia da nossa torcida.

Mãe, antes de mais nada te agradeço pela paciência em todas as minhas crises. Desligar as ligações enquanto tu fala se tornou uma marca registrada minha e te peço imensas desculpas por isso, mas continuarei fazendo. Obrigado, também, Ana Lúcia, por, indiretamente, proporcionar que eu cursasse a faculdade de jornalismo em uma universidade privada, essa oportunidade talvez nunca acontecesse e sou eternamente grato por isso. Obrigado, também, por nunca deixar de estender a mão, mesmo nos momentos de maior dificuldade.

Carolina, minha irmã e primeira professora. Se nós não pegássemos o Correio do Povo todas as manhãs e tu lesse as notícias esportivas para mim - até cansar disso e me ensinar a ler -, talvez não estivéssemos vivenciando esse momento juntos. Te agradeço por todas as nossas brigas e, principalmente, por ter te tornado a minha parceira de todas as horas.

Minha avó, Célia, já não te vejo e toco, mas sei que estás presente, vários momentos inesquecíveis me vêm à mente e a conclusão deste trabalho é para ti, que, do céu, terminou comigo.

Ao meu melhor amigo, Pedro Benatti - ou Pedro Neymar, como o apresento -, pelos momentos juntos dentro e fora de campo, uma amizade que perdura há mais de uma década e não deve ser rompida tão cedo.

Ao grupo Missão, pelos apoios e conquistas desde 2017, oficialmente, e por me proporcionar as maiores alegrias futebolísticas ao lado de vocês. “Quanto tu acha que tá morto, PUM” mais três diplomados para o elenco fabuloso.

Aos meus colegas de trabalho, e agora de profissão, Gabriel Corrêa, Matheus D’Avila e Mauriane Dorneles, por participarem diretamente da minha formação e me ensinarem tudo que sei sobre produção e reportagem esportiva até hoje. Não é possível falar destes três sem que deixe para posteridade as mensagens de áudio enviadas em nosso grupo, é a nossa história através dos telefones celulares.

À minha atual chefia na Bandeirantes, na figura de Thaigor Janke, por permitir que eu tivesse minhas primeiras oportunidades de empunhar um microfone dentro de um estádio de futebol, foi mais um sonho realizado.

Ao meu orientador, Tércio Saccol, pela paciência de aguentar meus atrasos e crises de nervosismo com este trabalho. Por, mais importante ainda, alimentar minha admiração pelo radiojornalismo, através da eterna Famecos Cast, minha primeira oportunidade de estágio jornalístico. Também, por ser o melhor e mais importante professor que tive no trajeto acadêmico. Sou grato para sempre!

À Mariana, minha companheira de madrugadas mal dormidas - quando eram - para que este trabalho fosse concluído, companheira de viagens (e não estou falando do trajeto Zona Sul-Viamão) e, principalmente, de vida. Te amo.

E, finalmente, às bandas que fizeram parte da minha adolescência (Scracho, Forfun, Dibob e Seu Cuca) por moldarem meu pensamento crítico e caráter e tornando-me amigos dos integrantes.

Finalizo agradecendo a todos que passaram pela minha vida, me fizeram quem sou e ajudaram a chegar até aqui.

Daqui pra frente eu vou fazer história  
Quem não me entende pode ir embora  
Sonho em ser mais feliz  
Sou um eterno aprendiz.

## RESUMO

Esta monografia tem o objetivo de analisar a formação da notícia no esporte a partir da rotina do repórter setorista de rádio. Os casos analisados são das rádios Bandeirantes de Porto Alegre e de São Paulo.

Escolhemos as emissoras por fazerem parte do mesmo grupo de comunicação, mas terem modelos diferentes de setorização esportiva. Dividimos esta pesquisa em cinco capítulos, sendo um para a introdução, três para o desenvolvimento e o último - e quinto - para as considerações finais. Portanto, o capítulo de número dois para o papel da reportagem setorizada esportiva, as atribuições de um repórter esportivo, a segmentação no jornalismo como um todo e o atual contexto da reportagem esportiva no Brasil. O terceiro para que a ideia da objetividade jornalística, que se faz presente no jornalismo há gerações de repórteres, fosse compreendida, o ambiente das redações jornalísticas antigas e atuais é contextualizado, e os parâmetros da ética do jornalista explanados pelos autores, além da postura que o repórter deve tomar para desempenhar seu papel com naturalidade. Para construir este estudo utilizamos as teorias de Soares (1994), Coelho (2014) e Barbeiro e Rangel (2015) para elucidar a evolução do jornalismo esportivo brasileiro. Para a reportagem de rádio serão utilizados os autores Gaillard (1974), Chantler e Harris (1998), Parada (2000) e Lage (2001). Para basear a setorização dos repórteres serão utilizados Abiahy (2000), Berganza Conde (2005), Neveu (2006), Tavares (2009), Ferraretto e Kischinhevsky (2010) e Fernandes (2017). Quanto à ética dos jornalistas, os autores utilizados são Caldas (2005) e Christofolletti (2008), para a objetividade jornalística são os autores Abramo (1988), Amaral (1996), Tuchman (1999), Japiassú e Marcondes (2001) e Henriques (2016) e sobre o ambiente da redação com os autores Travancas (1993), Barbeiro e Rangel (2015) e Lage (2015). No processo da análise foram adotados - Observação Participante (Bonin, 2011) e Entrevista Padronizada (Pereira, 2012). A resolução deste trabalho nos permitiu concluir indiferença quanto ao volume de conteúdo exclusivo publicado pelos repórteres setoristas fixos e móveis, além de contextualizar a multifuncionalidade que o repórter passa atualmente.

**Palavras-chave:** Esporte. Jornalismo. Setorização. Rádio.

## ABSTRACT

This paper aims to analyse the making of news in the sports editorial from the routine of radio reporters. The cases analysed are from Bandeirantes radios in Porto Alegre and São Paulo, chosen not only for they are part of the same communication group, but also because they have different sport sectorisation models. We divided this research into five chapters: one for introduction, three for development, and the last for final considerations. The second chapter discusses the role of sports sector reporting, such as the role of a sports reporter, the segmentation in journalism as a whole, and the current context of sports reporting in Brazil. The third chapter is towards the concept of journalistic objectivity, the environment of old and current journalistic newsrooms, the journalist's ethics, and the attitude that the reporter may have while performing his role naturally. In the analysis process, we utilised the Bonin's (2011) participant observation and the standardised interview as per Pereira (2012). To develop our study, Soares (1994), Coelho (2014) and Barbeiro and Rangel (2015) take place. For radio reporting, authors such as Gaillard (1974), Chantler and Harris (1998), Parada (2000) and Lage (2001) are quoted. The discussion of the reporters' sectorisation is based on Abiahy (2000), Berganza Conde (2005), Neveu (2006), Tavares (2009), Ferraretto and Kischinhevsky (2010) and Fernandes (2017). As for the ethics of journalists, the authors applied are Caldas (2005) and Christofolletti (2008). For journalistic objectivity, Abramo (1988), Amaral (1996), Tuchman (1999), Japiassú and Marcondes (2001) and Henriques (2016) and, on the writing environment, Travancas (1993), Barbeiro and Rangel (2015) and Lage (2015). The resolution of this paper allows us to apprehend the indifference regarding the amount of exclusive content published by fixed and mobile reporters, and to contextualise the multifunctionality that the reporter is currently experiencing.

**Keywords:** Sports. Journalism. Sectorisation. Radio.

## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 REPORTAGEM DE RÁDIO: A SETORIZAÇÃO DO REPÓRTER</b> .....	12
2.1 A CONFORMAÇÃO DO PAPEL DO REPÓRTER NO JORNALISMO ESPORTIVO.....	12
2.2 ATRIBUIÇÕES DO REPÓRTER ESPORTIVO .....	19
2.3 SETORIZAÇÃO, SEGMENTAÇÃO.....	26
2.4 O ATUAL CONTEXTO PARA REPORTAGEM ESPORTIVA NO BRASIL .....	30
<b>3 A ÉTICA PROFISSIONAL E A IDENTIFICAÇÃO DO REPÓRTER</b> .....	32
3.1 A IDEIA DE OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA .....	32
3.2 O AMBIENTE DA REDAÇÃO E A ÉTICA DO REPÓRTER .....	35
3.3 A POSTURA DO REPÓRTER .....	38
<b>4 ANÁLISE DA ROTINA DE TRABALHO (RB-SP e RB-POA)</b> .....	40
4.1 ROTINA DE TRABALHO DE REPÓRTERES DE RÁDIO SETORISTAS FIXOS DE CLUBES DA RÁDIO BANDEIRANTES DE SÃO PAULO.....	40
4.1.1 A ROTINA DOS REPÓRTERES VINICIUS BUENO (PALMEIRAS) E JOÃO PAULO CAPPELLANES (CORINTHIANS) .....	40
4.1.2 O QUE DIZEM OS REPÓRTERES VINICIUS BUENO E JOÃO PAULO CAPPELLANES .....	46
4.1.3 O VOLUME DE INFORMAÇÃO EXCLUSIVA GERADA PELOS REPÓRTERES JOÃO PAULO CAPPELLANES E VINÍCIUS BUENO EM 2018 E 2019.....	50
4.2 ROTINA DE TRABALHO DE REPÓRTERES DE RÁDIO SETORISTAS MÓVEIS DE CLUBES DA RÁDIO BANDEIRANTES DE PORTO ALEGRE .....	52
4.2.1 O QUE DIZEM OS REPÓRTERES.....	58
4.1.3 O VOLUME DE INFORMAÇÃO EXCLUSIVA GERADA PELOS REPÓRTERES MARCELO SALZANO E MATHEUS D'AVILA EM 2018 E 2019 .....	63
4.3 AS INFERÊNCIAS .....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	67
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	72
<b>APÊNDICES</b> .....	74
<b>APÊNDICE A – ENTREVISTA COM VINICIUS BUENO.</b> .....	74
<b>APÊNDICE B – ENTREVISTA COM JOÃO PAULO CAPPELLANES.</b> .....	77
<b>APÊNDICE C – ENTREVISTA COM MATHEUS D'AVILA.</b> .....	80
<b>APÊNDICE D – ENTREVISTA COM MARCELO SALZANO.</b> .....	84

## 1 INTRODUÇÃO

O jornalismo esportivo atinge milhões de brasileiros e se reconfigura a partir do enorme acesso às redes sociais, o que permite ao consumidor dos noticiários esportivos uma aproximação com outras maneiras de se obter informações quanto aos clubes de futebol que têm interesse ou até mesmo a descoberta de outros esportes.

Ao conviver com diversas maneiras de receber a informação, diante de um cenário de mudanças, o torcedor manifesta nas plataformas a que têm acesso uma contínua desconfiança com o modelo que emissoras e profissionais utilizam para veicular as notícias. Há um descontentamento maior quando algo publicado não agrada o público receptor das notícias esportivas por estar lidando com paixão e clubismo (Damo, 2006).

Compreender a formação da notícia no esporte a partir da rotina do repórter setorista de rádio faz com que seja possível apreender se existe alguma motivação extra, seja ela técnica, de tempo ou ética, para que o jornalista realize a cobertura dos acontecimentos com algum viés específico ou com algum diferencial em qualidade ou deficiência.

Os esportes sempre foram alvo da curiosidade e interesse do autor, prova disso é a motivação pela leitura. Aos quatro anos de idade, ansioso por informações dos campeonatos de futebol que seu clube de preferência competia, o pesquisador pedia ajuda de sua irmã para desvendar o que estava escrito nos cadernos esportivos dos jornais. Dos papéis ao rádio do carro, sempre com foco no futebol. Ao decorrer andar da vida, surgiu o desejo de cursar jornalismo para assumir o posto dos que foram inspiração para o interesse pela categoria.

No segundo capítulo, de nome “Reportagem de rádio: a setorização do repórter”, discutimos o papel da reportagem setorizada esportiva, as atribuições de um repórter esportivo, a segmentação no jornalismo como um todo e o atual contexto da reportagem esportiva no Brasil. A fundamentação teórica do autor é construída a partir de autores como Gaillard (1974), Chantler e Harris (1998), Parada (2000), Lage (2001), Jimenez e Saito (2002), William (2002), Berganza Conde (2005), Neveu (2006), Tavares (2009), Dias (2010), Ferraretto e Kischinhevsky

(2010), Oselame (2012), Abreu (2014), Coelho (2014), Barbeiro e Rangel (2015), Fernandes (2017) e Cardoso (2018).

No Capítulo 3, foram utilizados os pensamentos de Abramo (1988), Travancas (1993), Amaral (1996), Tuchman (1999), Japiassú e Marcondes (2001), Caldas (2005), Christofolletti (2008), Barbeiro e Rangel (2015), Lage (2015) e Henriques (2016) para que a ideia da objetividade jornalística, que se faz presente no jornalismo há gerações de repórteres, fosse compreendida. O ambiente das redações jornalísticas antiga e atual é contextualizado, e os parâmetros da ética do jornalista explanados pelos autores, além da postura que o repórter deve tomar para desempenhar seu papel com naturalidade.

Os métodos utilizados para a realização da análise deste trabalho foram a observação participante, acompanhando a rotina de trabalho de quatro repórteres setoristas, e entrevistas padronizadas com os mesmos profissionais, para que as respostas necessárias para este estudo fossem obtidas. Analisamos parte dos trabalhos de reportagem dadas com exclusividade, porque há uma hipótese corrente, ainda que em senso comum, que a contínua presença do repórter é capaz de fidelizar mais fontes e, por consequência, gerar mais exclusividade.

A análise deste trabalho foi realizada na cidade de São Paulo e na cidade de Porto Alegre. No mês de setembro, entre os dias 19 e 20, os repórteres João Paulo Cappellanes, setorista fixo do Corinthians pela Rádio Bandeirantes de São Paulo, e Vinicius Bueno, setorista fixo do Palmeiras também pela Rádio Bandeirantes, tiveram suas rotinas acompanhadas, desde a ida aos Centros de Treinamento dos clubes até às entrevistas coletivas. Cada profissional foi acompanhado em um dia, e todos entrevistados após a realização de suas obrigações diárias nos meios de disseminação da Bandeirantes paulista.

Repórteres gaúchos, Marcelo Salzano e Matheus D'Avila foram observados no mês de novembro, entre os dias 11 e 12, e tiveram suas rotinas assistidas. O primeiro no trajeto desde a chegada na emissora, ida ao Centro de Treinamento do Internacional e o retorno à emissora para participação ao vivo em programa da Rádio. Matheus, por sua vez, teve sua rotina acompanhada apenas na sede da Bandeirantes em Porto Alegre, uma vez que o clube que lhe fora designado na escala semanal era o Grêmio, em um dia de folga para os jogadores. As entrevistas

padronizadas com a dupla de repórteres, assim como em São Paulo, foram realizadas após seus compromissos serem finalizados.

Espera-se que esse trabalho possa ser um fragmento dentro das discussões sobre jornalismo, que aprofunde o interesse sobre a setorização e a multifuncionalidade da reportagem de rádio e sirva para fomentar estudos sobre os temas abordados.

## 2 REPORTAGEM DE RÁDIO: A SETORIZAÇÃO DO REPÓRTER

Neste capítulo serão abordados a reportagem de rádio, o jornalismo esportivo no Brasil e sua atuação em diferentes meios de disseminação, a setorização e segmentação do repórter e o atual contexto do jornalismo esportivo no Brasil. Para a reportagem de rádio serão utilizados os autores Gaillard (1974), Chantler e Harris (1998), Parada (2000), Lage (2001), Jimenez e Saito (2002) e Assis (2009). As obras de William (2002), Dias (2010), Oselame (2012), Abreu (2014), Coelho (2014), Ferraretto (2014), e Barbeiro e Rangel (2015) serão utilizadas para ambientar sobre o jornalismo esportivo no Brasil e seu contexto e Abiahy (2000), Berganza Conde (2005), Neveu (2006), Tavares (2009), Ferraretto e Kischinhevsky (2010), Fernandes (2017) e Cardoso (2018) para falar sobre setorização e segmentação no jornalismo.

### 2.1 A CONFORMAÇÃO DO PAPEL DO REPÓRTER NO JORNALISMO ESPORTIVO

Discutir a evolução do trabalho do repórter esportivo é remeter a uma linha do tempo como veículos de comunicação se adaptaram aos mais diversos contextos sociais e econômicos. No caso específico do rádio, a inserção da seção esportiva, assim como em outras plataformas, sofreu preconceitos em seu princípio. Segundo Coelho (2014), os esportes passavam por tamanha reprovação que se imaginava que o remo, então o esporte mais popular do Brasil, teria destaque nos veículos de comunicação.

Nos anos 1920, a consolidação do rádio como veículo de comunicação de massa ainda não havia acontecido. A linguagem não era a ideal e recortes de jornais eram lidos sem que houvesse adaptação por parte do locutor. Este modelo de *news reading* foi apelidado de “Gilette Press”, devido ao recorte literal que era feito das notícias. Por consequência, os relatos esportivos seguiram o mesmo padrão criado.

De acordo com Tota (1990), a primeira transmissão esportiva em rádio foi em 1925, numa tarde de domingo em abril. A responsável foi a Rádio Educadora, que “transmitiu os resultados de jogos de futebol da ‘capital, interior e estrangeiro” (TOTA, 1990, p.44). Segundo Soares (1994), na época, não havia o formato atual de jornadas esportivas, com equipe completa. As estratégias das emissoras de rádio

para informar os resultados das partidas se davam por telegramas enviados para o locutor, além de telefonemas para os clubes e entidades que organizavam as competições. Se alguém quisesse acompanhar o desenvolvimento da partida e a atuação de jogadores e equipes, era preciso ir ao estádio e assistir às partidas.

O papel das emissoras de rádio na transformação do futebol como esporte de massa é indiscutível. Nicolau Tuma, locutor da Rádio Sociedade Educadora Paulista (fundada em 1923, foi a primeira emissora de São Paulo), fez a primeira transmissão detalhada de uma partida de futebol. O feito foi primordial para que as transmissões fossem disseminadas com precisão. As seleções de São Paulo e Paraná disputavam o VIII Campeonato Brasileiro de Futebol e foram agraciadas pela técnica criada para uma transmissão direta de futebol, utilizada até os dias de hoje. A preparação de Tuma, se aplicada na atualidade, seria tratada como piada. Minutos antes da partida, o locutor foi aos vestiários das equipes para anotar características físicas dos jogadores das seleções paulista e paranaense. Não havia numeração nos uniformes na época, o que dificultava a identificação dos atletas para a descrição precisa.

A descrição de Nicolau Tuma para Soares (1994) retoma a abertura da primeira jornada esportiva detalhada em rádio. Foi de um espaço reservado entre os torcedores onde o *speaker*, de modo que na época não se utilizavam os termos locutor ou narrador, transmitiu.

Eu estou aqui no reservado da imprensa do campo, contemplando as arquibancadas. Estou ao lado das gerais e vou tentar transmitir para vocês que me ouvem um relato fiel do que irá acontecer no campo (Entrevista de Tuma para SOARES, 1994, p.30).

Sem comentaristas, repórteres e plantão, Tuma teve de preencher sozinho os noventa minutos da partida. Na época, as publicidades não eram oficialmente permitidas no rádio. O confronto terminou em vitória por 6x4 dos paulistas sobre os paranaenses.

Apesar de a Rádio Educadora Paulista ter sido a pioneira na transmissão detalhada e direta de partidas de futebol, outra emissora teve maior destaque no início das irradiações esportivas: a Rádio Record do estado de São Paulo, sob o comando de Paulo Machado de Carvalho, que dá nome ao conhecido Estádio do Pacaembu. O “Marechal das Vitórias”, como era chamado, foi chefe de delegação da

Seleção Brasileira nos dois primeiros títulos mundiais; em 1958, na Suécia; e em 1962, no Chile. O empresário e comunicador priorizou o esporte na emissora.

Mesmo com os investimentos feitos por Paulo Machado de Carvalho, a estrutura ainda era precária. O surgimento das transmissões esportivas se dava por telefone. De acordo com Soares (1994, p.32), “na época romântica do rádio esportivo, locutores e operadores faziam grandes esforços para colocar no ar a irradiação de um jogo. Às vezes subiam até em postes da rua e completavam uma ligação clandestina”.

A persistência por realizar transmissões esportivas diretas fez com que a busca por melhoria nos equipamentos acontecesse e, por consequência, o desenvolvimento do radiojornalismo brasileiro fosse adiantado. A primeira transmissão para o Brasil de um jogo realizado na Europa comprova o investimento. O locutor Gagliano Neto narrou, diretamente da França, a partida entre Brasil e Polônia pela Copa do Mundo de 1938. A cadeia das Emissoras Byington - Rádio Clube do Brasil e Rádio Cruzeiro do Sul, do Rio de Janeiro, e Rádio Cosmos e Rádio Cruzeiro do Sul, de São Paulo – transmitiu os cinco jogos da Seleção Brasileira naquele mundial. Como as transmissões de jornadas esportivas ainda não estavam consolidadas e a situação econômica dos veículos de rádio não era opulento, a cadeia das Emissoras Byington não teve verba para enviar comentaristas e repórteres com o narrador. Assim, Neto fora obrigado a segurar os 90 minutos de transmissão sozinho. Pela baixa estrutura, o locutor chegou a narrar as partidas no meio da torcida e de dentro do campo.

Em entrevista à Soares (1994 p.33), Renato Murce descreve que “o Brasil inteiro parou, nas ruas, em frente às lojas, em casa, em toda a parte, para ouvir as irradiações do Gagliano Neto”. Tal relato demonstra o crescimento do interesse do esporte por parte da população. Se na década anterior a majoritária parcela das transmissões era feita por relatos via telegrama, o País parou para acompanhar a narração de Gagliano Neto direto da França diz muito sobre a aceitação. O então presidente Getúlio Vargas, que julgava o rádio uma plataforma primordial na transformação do futebol como marca do sucesso de seu governo, chegou a decretar feriado para que a transmissão de Gagliano fosse contemplada. Alto-

falantes foram colocados em praças e locais públicos para que a pioneira transmissão do *speaker* fosse acompanhada pela população.

Quando passou a fazer parte do grupo de Paulo Machado de Carvalho, a Rádio Panamericana foi a primeira emissora de rádio a se especializar com perfeição na transmissão esportiva. Inicialmente, ela foi criada para ser uma emissora de novelas. Para manter o título de “Emissora dos Esportes”, Carvalho colocou seu filho, Paulo Machado de Carvalho Filho, para reunir o primeiro departamento esportivo do rádio brasileiro. Até o momento, nenhuma emissora tinha uma organização específica.

Nós fomos sentindo, com a evolução do futebol e do rádio esportivo, que havia necessidade de se constituírem equipes de outros setores e de organizar um conjunto que facilitasse a vida do locutor e pudesse valorizar o seu trabalho. Começamos com a colocação de um repórter em campo e um comentarista. Depois aumentamos a equipe de um campo só: tínhamos um homem para abrir as transmissões, um outro para a narração principal, dois repórteres de campo e um plantão esportivo. (...) Foi aí que nasceu o espírito de equipe no rádio esportivo, aumentando o campo de trabalho e valorizando o profissional do setor (Entrevista de Pedro Luís, contratado por Paulo Machado de Carvalho Filho e responsável por montar a equipe de esportes da Panamericana para SOARES, 1994, p.47).

Não se pode falar de jornadas esportivas em rádio sem relatar o princípio das publicações esportivas no Brasil. Os destaques à editoria começaram cedo. Nos anos 1910, páginas de divulgação no jornal *Fanfulla*, do estado de São Paulo, eram disponibilizadas para o esporte. A publicação não era para as classes mais altas, mas para um público cujo nome já indica: os italianos, que chegavam em peso ao Brasil. Uma das edições convocava quem tinha origem italiana a formar um clube de futebol. Dessa maneira, surgiu o Palestra Itália, que tornou-se Palmeiras durante a Segunda Guerra Mundial.

Coelho (2014) relata que o jornalismo esportivo que se conhece e se consome na atualidade não existia na época. Porém, se não fossem os relatos fornecidos pelo *Fanfulla*, estatísticas antigas e até mesmo o detalhamento da primeira partida do Palestra Itália na história seriam perdidos. A contragosto, o esporte ganhou o seu espaço.

Similarmente nos moldes das radiodifusões, a televisão começou suas transmissões com precariedade acerca de recursos técnicos e instalações. Em 1950, Assis Chateaubriand deu início ao primeiro canal de televisão do Brasil, a TV Tupi, no Canal 3 de São Paulo. O remo já havia perdido seu lugar para o futebol como preferência da população brasileira, que ansiava por informação no rádio, nos cadernos de jornais ou nas publicações específicas. A Gazeta Esportiva, por exemplo, iniciou como um caderno d'A Gazeta em 1928 e conseguiu a sua emancipação, tornando-se um diário esportivo em 1947. Desde o princípio das transmissões da TV Tupi, o jornalismo esportivo teve seu espaço garantido. Em 15 de outubro de 1950, Palmeiras 2 x 0 São Paulo foi o primeiro evento esportivo transmitido com imagens. Conforme Ribeiro (2007, p. 135), “duzentos privilegiados, no máximo, conseguiram acompanhar depois, em casa, as primeiras imagens de uma partida de futebol transmitida pela televisão”. A razão para o baixo índice de telespectadores é prática: o valor dos televisores na época era exorbitante e apenas uma minoria, com alto poder aquisitivo, podia adquirir os equipamentos.

Com o decorrer dos anos e os avanços das tecnologias, a qualidade do som das transmissões e os modelos de locução dos narradores foram enriquecendo gradativamente. As narrações, que continham ruídos e cortes na transmissão, evoluíram. Tomemos como exemplo inicial o locutor Armando Pamplona, da Rádio Educadora de São Paulo, em 1934. A qualidade era precária, porém, compreensível. O narrador sempre mencionava os ouvintes, como se estivesse apresentando a partida a eles, sem jargões e o ritmo com que estamos acostumados. Passando para o início da década de 50: a narração do *Maracanazo*, feita por Jorge Curi, da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, apresenta diferenças. A qualidade é melhor e a narração torna-se mais dinâmica; entretanto, o narrador não perde o tom de apresentação, como se fosse um mestre de cerimônias.

Abrindo paralelo com as transmissões esportivas na televisão, foi na metade da década de 50 que o processo de acompanhar as partidas, por parte do torcedor, foi alterado. Segundo William (2002), no ano de 1956 a televisão conseguiu transmitir uma partida interestadual. Em 1º de julho, as emissoras TV Record e a TV Rio entraram em rede e conseguiram transmitir, ao vivo, o amistoso entre a Seleção Brasileira e a Seleção Italiana, no Maracanã. Uma proeza da Record, que

impulsionou em definitivo a venda de televisores. Segundo o autor, a população começou a achar alguma vantagem em comprar aqueles aparelhos, que não haviam, ainda, se tornado unanimidade nas residências.

Em 1962, na narração do bicampeonato mundial da Seleção Brasileira feita por Pedro Luiz Pauliello na Rádio Bandeirantes de São Paulo, é identificada a locução mais perceptível até a época. A emoção transmitida por parte do narrador dava a impressão que o mesmo estava posicionado nas arquibancadas do estádio.

Concomitantemente aos avanços tecnológicos e de linguagem das transmissões de rádio, ocorre o surgimento da Revista Placar no ano de 1970. Pertencente ao Grupo Abril, a Placar surge, junto da Playboy, para aumentar os nichos de hegemonia da empresa, que já dominava os públicos infantil e feminino. Para os homens, faltavam a serem explorados dois temas: sexo e futebol. Segundo Dias (2010), o desejo de ter uma publicação de futebol era antigo dos Civita, donos da Abril. Victor Civita, fundador, havia esboçado o lançamento em 1952. Porém, a precária estrutura da editora não permitia que mais uma publicação fosse criada. Da desilusão do *Maracanazo* de 1950, que gerou a vontade no fundador, chegou-se ao tricampeonato mundial em 1970. Foi nas vésperas da Copa do Mundo, realizada no México, que a Placar, com caráter de distribuição semanal, foi lançada. A primeira edição da revista teve aproximadamente 200 mil exemplares vendidos e a capa não poderia ter outro personagem que Pelé. O momento do maior jogador de todos os tempos era esplêndido e, com a Seleção Brasileira, estava prestes a conquistar mais um título mundial.

Exatamente na Copa do Mundo de 1970 que as transmissões ao vivo para as televisões tomaram outra proporção. Foi quando o casamento entre o esporte e a televisão deu certo. Um campeonato mundial havia, pela primeira vez, sido transmitido no exato momento em que acontecia, sem que fosse necessária a reprodução dos *videotapes* com as partidas gravadas, como fora nas outras Copas do Mundo, quando a tecnologia não permitia que a transmissão fosse feita *en directo*.

Retomando as evoluções nas transmissões de rádio, em 1974, já pelo Campeonato Brasileiro, a irradiação de Waldir Amaral da Rádio Globo do Rio de

Janeiro com rapidez na narração – o que acompanha a evolução do jogo, que aumentou sua velocidade – e com bastante clareza marca a posição do repórter de campo. Chegando na atualidade, o dinamismo na transmissão é tamanho, com a total descrição dos lances feita pelo narrador, que o ouvinte se sente no estádio. As interações de comentaristas, repórteres e plantão aumentaram, o que dá "folga" ao narrador, que não precisa estar no ar em toda a extensão da jornada esportiva.

No começo da década, em 1990, a revista Placar deixou de ser semanal, adotando o modelo mensal de publicação. A razão, na época, se deu pelo fator financeiro. No ano de 1995, com foco, formato e slogan *futebol, sexo e rock'n roll* reformados, a publicação buscou inovar e sair do trivial, abordando não apenas o futebol, mas produzindo entrevistas "para homens". Além disso, foi a primeira vez na história que a revista vendeu assinaturas; antes, a venda era feita apenas nas bancas de revista. Fugindo de seu padrão, a editora buscou um faturamento fixo que não dependesse apenas da venda.

Na mesma época, surge o Lance! como um periódico esportivo, comandado por Walter de Mattos Júnior. No final de outubro de 1997, a primeira versão foi publicada no Rio de Janeiro. Uma semana depois, foram os paulistas que receberam o diário, que foi o pioneiro a ser impresso em cores e de leitura curta no Brasil. As edições para os dois estados, por óbvio, eram diferentes: conteúdo das equipes do Rio de Janeiro para os cariocas e a temática de clubes de futebol paulistas para o estado de São Paulo. No ano seguinte, em 1998, a expectativa com a Copa do Mundo sediada na França era enorme. O evento fazia com que o público tivesse mais interesse no tema e, com isso, tinha-se a grande oportunidade de atingirem as expectativas de vendas de 80 mil exemplares.

O que aconteceu, no entanto, foi um demasiado fracasso. Assim como o *Lance!*, outros veículos criaram, apenas para o período de competição, jornais de esportes. Em sintonia com o rendimento da Seleção Brasileira, que perdeu a final daquele Mundial para os franceses, as expectativas geradas não foram alcançadas. Embora tivessem uma redação instalada em Paris, as vendas não alcançaram os 10 mil exemplares. Em 1999, focando apenas no Rio de Janeiro, o *Lance!* ganhou terreno com as suas publicações on-line. Com o apoio do público-alvo, a emissora

apostou em uma repaginação da marca, utilizando apenas a letra “L” como referência, buscando algo jovem e "descolado".

Contrariando previsões pessimistas, como relata Dias (2010), em 2004 a publicação colocou no mercado a edição Minas Gerais e, em 2006, atingiu sua edição de número 3000. Atualmente, além do diário impresso e do site, o grupo tem uma agência de notícias e fotografia e a LanceTV, meio virtual de repercussão de lances de futebol.

Em 2015, a Abril anunciou a venda da Placar para a Editora Caras. O foco da revista mudou, abordando esportes olímpicos e paralímpicos. A Caras não conseguiu manter a revista com a crise financeira e a rejeição, por parte do público, em relação às outras modalidades esportivas que estavam sendo abordadas. Uma tentativa foi feita em setembro do mesmo ano, retomando o foco ao futebol, mas não surtiu efeito. A Placar retorna à Editora Abril em novembro de 2016. Sem o mesmo prestígio das épocas de ouro, a revista segue sendo impressa mensalmente e nas plataformas digitais.

## 2.2 ATRIBUIÇÕES DO REPÓRTER ESPORTIVO

Embora a realidade seja complexa e multifacetada, existem parâmetros esperados por parte do repórter que atua no esporte e nas editorias que englobam o jornalismo geral. São percepções, construções, orientações e comportamentos que balizam a função do profissional. Antes de focar na especificidade do esporte, é lembraremos de algumas características e comportamentos esperados do repórter em linhas gerais, e como isso impacta no seu trabalho cotidiano.

Primeiramente, a ocupação de repórter é a de, como diria Gaillard (1974, p. 49), ser uma “testemunha profissional, um investigador que, em vez de prestar contas a uma administração, as presta ao público”. Repórter é alguém que está onde o fato acontece, que tem a capacidade de constatar o que o ouvinte precisa receber, apurar e transformar o fato em notícia. O repórter é o intermediário entre a notícia e o receptor, é quem decanta, a partir dos acontecimentos, o que é notícia.

De antemão, o repórter necessita mesclar sua competência de verificação com sua aptidão em comunicar. Nenhum detalhe pode escapar de sua apuração – e

não necessariamente todos os detalhes devem estar na notícia. É preciso, antes de tudo, transmitir de forma convincente e audível a informação (Coelho, 2014). Não apenas atenção é necessária para uma boa apuração, como a sensibilidade que o repórter constrói, a partir das bagagens que ele carrega, é essencial. O faro instintivo é particular; cada um produz o seu e sabe como fazer uso do mesmo. Além de ceticismo e desconfiança, muitas vezes, o silêncio é capaz de declarar muito mais do que uma entrevista coletiva com duas horas de duração. Indispensável para a formação do jornalista como um todo é manter-se informado e atualizar-se quanto ao cotidiano, para que a contextualização de qualquer acontecimento possa ser feita sem nenhum obstáculo.

Como relata Parada (2000, p.35), a reprodução da voz de uma pessoa não é o trabalho do repórter de rádio, mas, sim, o que ele faz com o registro da voz. Buscar informações que auxiliem a compor o cenário do acontecimento é o dever do jornalista. Ademais, o trabalho do repórter de rádio é obter as informações, organizá-las e, rapidamente, transmiti-las.

Lugar de repórter só é na redação do veículo, entre uma pauta e outra. A conquista das informações, preferencialmente, deve ser feita *in loco*, encontrando pessoas, olhando no olho. Caso não seja possível, uma ligação telefônica pode ser suficiente, não mais que isso. O telefone não permite indagação a partir das reações, tampouco mostra o tom dado pelo entrevistado. Neste caso, a cautela quanto aos dados deve ser redobrada. Entrevista é uma coisa, apuração de informação é outra. Chantler e Harris (1998), Ferraretto (2014) e Barbeiro e Rangel (2015) corroboram com o argumento.

O trabalho do repórter, majoritariamente em emissoras de tamanho inferior, pode acumular funções, como as de produção, de redação e de edição. Chantler e Harris (1998, p. 110) relatam que “a reportagem é apenas uma parte do trabalho. Mas, entre todas as tarefas jornalísticas, provavelmente é a mais essencial”. No jornalismo esportivo, não é diferente.

Lage (2015) diz que a informação deixou de ser acréscimo cultural ou recreação para as pessoas, mas tornou-se essencial na vida delas. A informação provinda dos veículos é necessária desde o momento em que se escolhe o rumo profissional a um investimento financeiro, passando por manifestações culturais,

pesquisas científicas etc. O repórter é o transmissor da informação e a população necessita da mesma. Assim, ele realiza uma das funções mais recompensantes e gratificantes da sua ocupação: ajudar pessoas.

O repórter esportivo, por sua vez, tem a rotina pouco alterada, se comparada a dos colegas de outras editorias. O perfil do repórter mudou; o do repórter esportivo, também. Atualmente, o profissional domina mais de um idioma estrangeiro, tem conhecimento aprofundado de outras modalidades esportivas e controle maior de ferramentas para a propagação das informações em outras plataformas. Não é incomum ver repórteres de rádio carregando *smartphones*, câmeras e *notebooks* por todos os cantos. As opções de consumo da notícia aumentaram, assim como as funções do repórter de rádio.

Quanto mais conhecimento sobre o assunto que cobriu, considerando a precisão na apuração como fator determinante para a qualidade da reportagem, mais chances de responder a todas as perguntas básicas que o receptor pode fazer enquanto acompanha o conteúdo reproduzido. Na apuração, a exatidão dos fatos, a competência e a credibilidade das fontes devem ser predominantes. A relação dos fatos, inclusive, deve ser feita de maneira mais direta possível, mesmo que haja a subjetividade do repórter. Barbeiro e Rangel (2015, p.25) relatam que é “preciso parar e pensar sempre, do início ao fim da construção da reportagem. (...) A pressa não pode ser um fim em si mesmo”.

Diferente do repórter de outras editorias, o repórter esportivo – em sua maioria, repórter de futebol – tem uma rotina, embora existam exceções, mais ou menos definida e repetida. Durante a semana, chega-se na redação rumo aos Centros de Treinamentos, onde as equipes realizam atividades preparatórias ora pela manhã, ora pela tarde, e onde disputam partidas no final de semana. É o repórter esportivo que acompanha o cotidiano dos clubes de futebol diariamente e, por isso, torna-se essencial buscar alternativas para fugir do padrão que outras emissoras podem dar, trazer algum diferencial. Caso isso não seja feito, faz-se indiferente ouvir a emissora A ou a emissora B, uma vez que o conteúdo é o mesmo.

A observação diária das atividades faz com que o repórter esportivo assuma a figura do setorista. Ele é quem convive e quem tem contato mais frequente com jogadores, dirigentes e funcionários dos clubes. Assim, surge o contato com as

fontes. O bom relacionamento com as fontes é favorável, mas não pode ser confundido com troca de favores. O repórter esportivo deve ter o discernimento de quando uma informação relatada a ele é notícia ou quando é algo dito (ou feito) deliberadamente para ser divulgado. O dirigente só é voz oficial em um pronunciamento ou entrevista coletiva; em conversas em *off*, ele é mais um. Uma informação explanada não deve ser tomada como lei. O repórter esportivo nunca deve esquecer dos processos de apuração da notícia após receber uma informação inicial.

Além da busca pelo diferencial, a checagem deve ser feita até esgotar suas possibilidades. A ânsia pelo “furo jornalístico” pode levar um consagrado jornalista a anunciar a contratação de um suposto jogador que sequer existe. Ser o detentor da notícia e divulgá-la em primeira mão é esplendoroso, mas não se pode pular etapas em busca de uma consagração que faz bem única e exclusivamente ao jornalista esportivo.

O repórter não é e não deve ser maior que a notícia. Barbeiro e Rangel (2015, p.20-21) reiteram: “A vaidade acaba por cegar o olho clínico do profissional. Gostam de aparecer – aliás, aparecem estrategicamente ao lado dos jogadores em fotos, entrevistas ao vivo para televisão com a finalidade de serem reconhecidos”. A postura do repórter representa a imagem do veículo em que ele trabalha. Logo, seu comportamento deve sempre ser íntegro e condizente com a profissão. O jornalismo é a notícia e a notícia é a razão de ser do jornalista.

Por haver relacionamento direto e até próximo do repórter esportivo com fontes de informação, sejam empresários, dirigentes ou pessoas próximas a jogadores de futebol, ocasiões de negócios no meio esportivo aparecem. Repórter esportivo é repórter esportivo, assessor de imprensa é assessor de imprensa e empresário é empresário. Barbeiro e Rangel (2015) afirmam que, a partir do momento em que o primeiro se mistura com as outras categorias citadas, perde-se a credibilidade. É preciso discernir as funções, que são distintas, e fazer uma escolha. Uma vez tomada a decisão, não há como desfazê-la. Casos de repórteres e apresentadores que cumprem a função de assessor de imprensa são conhecidos, assim como assessores de imprensa tornam-se empresários de jogadores de futebol devido ao contato proporcionado pela rotina enquanto jornalistas. Uma situação que

se encaixa nesse exemplo é a de Bruno Junqueira. Jornalista formado pela PUCRS, diretor da Baltoro Group, da qual faz parte a Soccer House, Bruno atuava como assessor de imprensa de Marcelo Grohe, ex-goleiro do Grêmio. Com o passar do tempo, tornou-se empresário do jogador. Além de Grohe, sua empresa presta os serviços separados e traz a opção *full service*, na qual são mescladas as funções<sup>1</sup>.

A memória é a companheira do repórter esportivo, são inúmeros regulamentos de campeonatos, cada um com sua peculiaridade, e todos devem estar frescos na cabeça. Para Coelho (2014), além disso, são milhares os ex-jogadores dos clubes que o repórter esportivo acompanha e deve tê-los em mente, seja para uma entrevista ou simplesmente para um debate esportivo. Se a lembrança falhar, que recorra às anotações.

O repórter esportivo trabalha com algo que motiva a paixão de quem consome. E paixão que o próprio repórter teve outrora, “quando ainda era uma criança de 12 anos”, segundo Coelho (2014, p.48), motivando-o a tornar-se um repórter esportivo. Usado como válvula de escape pela sociedade, que não permite parcialidade por parte de quem é transmissor da informação esportiva, o noticiário de futebol anda numa corda bamba, sempre correndo o risco de ser criticado ou acusado de favorecer o lado A ou B. Notícia é com o repórter, a opinião deve ser deixada para o comentarista esportivo. O repórter, fora do âmbito profissional, teve seu primeiro contato com o futebol e, por óbvio, nutriu carinho e admiração por um clube, o que pode se tornar uma dificuldade para aquele que não tem controle. Por ser humano, o repórter tem emoções e precisa transmiti-las. Porém, não se pode confundir a paixão própria. Conforme Barbeiro e Rangel (2015, p. 22) ressaltam: “A paixão emperra a apuração, incentiva a notícia sem acurácia e atrapalha a busca contínua da isenção e da ética”.

Cardoso (2018, p. 45) afirma que “o aprofundamento em determinada área de conhecimento ocorre principalmente após a entrada do profissional no mercado com a conseqüente busca por mais instrução, podendo ser ou não em instituições de ensino”. Segundo diferentes autores, buscar a especialização após entrar no

---

<sup>1</sup>BALTORO. **Welcome Home**. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.soccerhouse.com.br/>. Acesso em: 16 nov. 2019

TRANSFER MARKT. **Baltoro Soccer House**. Disponível em: <https://www.transfermarkt.com.br/baltoro-soccer-house/beraterfirma/berater/4950>. Acesso em: 16 nov. 2019

mercado é o caminho mais corriqueiro de quem escolhe a reportagem esportiva como ocupação. Há uma ânsia por individualizar-se, por algo que o destaque e faça-o ser notado. A própria escolha em fazer parte da editoria de esportes coloca o repórter em uma rota sem muitos diferenciais.

No Brasil, o repórter esportivo cobre futebol e, de preferência, os clubes grandes, salvo algum episódio atípico que ganhe destaque. O jornalismo esportivo, por ser uma válvula de escape em meio às tragédias e ocorrências policiais, mais do que qualquer outra editoria está onde se encontram o dinheiro, os patrocinadores e o interesse da população. É consumido como lazer e entretenimento, por mais que nunca tenha deixado de ser jornalismo.

Oselame (2012, p. 81) ressalta que foi a partir da edição dos Jogos Olímpicos em Los Angeles, em 1984, que “a viabilidade econômica dos eventos esportivos (...) passou a ser garantida pela venda dos direitos de transmissão especialmente para as emissoras de televisão”, tornando as competições esportivas em verdadeiros negócios. A comercialização dos direitos de transmissão das Olimpíadas de Londres, em 2012, gerou quase US\$4 bilhões para a instituição organizadora do evento, conforme o presidente do Comitê Olímpico Internacional, Jacques Rogge em (SPORTS BUSINESS DAILY, 2012). Concomitantemente, diferentes modalidades esportivas sofreram mudanças para que fossem adaptadas ao modelo de transmissão, sempre em busca do melhor produto para a audiência. O tênis, por exemplo, criou o *tie-break* para que as partidas tivessem duração não tão extensa. As provas de automobilismo encurtaram seus circuitos para que pudessem ser encaixadas na grade de programação. De acordo com Jimenez e Saito (2002), a Rede Globo, entre 1998 e 2000, sendo predominante no comando das transmissões esportivas na televisão, gastou US\$600 milhões para adquirir os direitos exclusivos de transmissões esportivas no Brasil. A emissora provou que, mais do que nunca, o jornalismo esportivo havia tornado-se um negócio lucrativo. A hegemonia do grupo dos Marinho, porém, fora ameaçada no ano de 2008 pela Rede Record, que comprou os direitos de exclusividade das transmissões do ciclo olímpico de 2012, englobando as Olimpíadas de Inverno de Vancouver, em 2010, os Jogos Pan-Americanos de Guadalajara, em 2011 e os próprios Jogos Olímpicos de Londres, em 2012. Os valores giravam em torno de US\$10 milhões para que a negociação fosse concretizada.

Entretanto, para Cardoso (2018), o diferencial pode desaparecer quando a prática entra em ação, deixando todo o conhecimento de lado. O repórter esportivo não trabalha para um único meio de disseminação de informação, trabalha para todas as plataformas de seu veículo. Nesse veículo, logo, deve produzir conteúdo para a rádio, a televisão, o jornal e para as plataformas digitais (o site e as redes sociais). Tivesse o repórter capital para abrir seu próprio veículo de comunicação, ele estaria preparado para tocar sozinho. O gravador e o bloquinho de anotações deixaram de ser os únicos materiais essenciais para o repórter, e tornou-se comum estar em um Centro de Treinamento em meio a tripés, *notebooks*, câmeras fotográficas e até "paus-de-selfie" pertencentes a apenas um repórter. Usando uma frase conhecida do meio futebolístico para representar tal realidade, o repórter "cobra o escanteio e cabeceia".

O repórter é colocado numa posição desconfortável, ocasionada pela valorização do resultado: a busca pela vitória, pela evolução do desempenho e a melhor colocação entre os concorrentes. A relevância dada para fatores única e exclusivamente resultadistas deixa o fator social de lado, esquecendo que o esporte é uma "atividade formadora de personalidade e caráter", conforme nos diz Cardoso (2018, p. 44), desenhando aspectos fundamentais para a formação pessoal de cada indivíduo. O papel social do jornalismo é deixado de lado, não por opção do repórter, mas por um modelo de comunicação que prioriza o capital, abrindo mão de valores que vão além da posição profissional que se ocupa.

Sobre a responsabilidade social, que deve trilhar o caminho do repórter esportivo, Assis (2009) disserta que os quatro pilares que a baseiam são o fortalecimento de uma sociedade mais desenvolvida e formadora de opinião, o que fomenta a pluralidade de conceitos, a delegação de alguma função aos participantes, seja de forma ativa ou passiva, a sustentabilidade do ambiente e a transparência que busca mostrar as formas de atuação. A atuação do repórter esportivo no Brasil faz parte, dentro da própria segmentação, de uma área de nicho ainda mais afunilada.

O foco da cobertura esportiva no Brasil é o futebol. Principalmente, são acompanhados os clubes grandes de primeira e, no máximo, segundas divisões nacionais. Somos o "País do Futebol", e esse cargo parece reger as reportagens.

Não se produz material cotidiano sobre outros esportes, apenas quando algum feito extraordinário é alcançado ou alguma tragédia acontece, exercendo muito mais o trabalho como um jornalista "comum", cobrindo uma situação de *breaking news*, e não com a função de setorista, que cobre a rotina de diferentes modalidades esportivas. Coelho (2014, p.51) comenta que “especializar-se nunca é demais. A questão, quando se trata de esportes olímpicos de pouca divulgação no Brasil, é saber esperar pela hora certa de o trabalho aparecer. Pode durar anos. Pode nunca se concretizar”. Para as modalidades esportivas senão o futebol, em sua maioria, o conceito de "jornalista sentado" (Neveu, 2006) é conveniente. Jornalismo sentado é uma orientação profissional voltada ao tratamento e à veiculação de conteúdos informativos produzidos por outros, mais do que à própria inspeção de notícias ou ao contato com as fontes. Basear-se em notícias de outros portais, essencialmente na era das multiplataformas e, inevitavelmente, da desinformação, é arriscado. Nada supera – e nunca vai superar -- a própria apuração, produção e publicação de notícias.

Não existe jornalismo em rádio sem um quadro de pessoal próprio voltado à apuração de notícias. Na ausência de uma estrutura exclusiva para obtenção de tais informações, o enfoque particular da realidade, condicionado em muito pela relação entre os objetivos da emissora e as necessidades do seu público, fica extremamente prejudicado, perdendo-se qualidade (FERRARETTO, 2014, p. 90).

A estrutura das emissoras permite que a cobertura cotidiana das atividades futebolísticas dos clubes seja realizada sem qualquer empecilho. No entanto, há uma defasagem dos veículos como um todo, além de uma recente escassez de funcionários nas sedes das empresas de comunicação, de motoristas no pátio a repórteres nas redações. Esses fatores podem acarretar na dificuldade de apuração. A ausência do profissional na cobertura jornalística reflete em uma cobertura pobre de detalhes e aprofundamento, baseada no trabalho de outros colegas. Estes, por sua vez, têm condições, se fazem presentes nos Centros de Treinamentos e realizam um trabalho completo.

### 2.3 SETORIZAÇÃO, SEGMENTAÇÃO

O jornalismo esportivo é historicamente um destacamento da atividade mais generalista do profissional, que acabou desenvolvendo suas próprias características

e processos. Para falar do setorista de esportes e analisar aspectos éticos, como propõe-se aqui, é necessário discutir a setorização e especialização do jornalismo.

O jornalismo especializado ou setorizado, que é uma perspectiva do trabalho jornalístico oposto à cobertura geral dos fatos, apresenta quatro peculiaridades. Segundo Fernandes (2017), são elas o foco, com pautas direcionadas a determinado tema ou a um público específico; o aprofundamento, por meio de abordagens além do senso comum, contrárias à superficialidade do noticiário em geral; uma linguagem diferenciada, que tem uso maior de termos técnicos e científicos, como jargões, sem a necessidade de explicações detalhadas; e de profissionais especializados, com alguma formação complementar ou maior domínio sobre o tema.

São três as principais maneiras de se representar o jornalismo especializado: como uma editoria dentro de uma emissora, realizando coberturas específicas em meio ao jornalismo como um todo; como um veículo totalmente especializado, sem editorias, uma vez que o próprio meio é focado e não concentra informações gerais; ou em forma de colunas. Nesta, indivíduos, ser jornalistas ou não, têm um determinado espaço para tecer suas opiniões. Eles podem ser contratados pelas emissoras ou serem convidados para publicações esporádicas de acordo com o panorama da sociedade no momento.

O jornalismo geral tem como base evitar termos técnicos, para que o texto e a fala sejam acessíveis para quem recebe a informação e deve absorvê-la. Tratando-se do jornalismo especializado, como diz Fernandes (2017), “supõe-se que o público tem maior familiaridade com a temática e, portanto, compreende as palavras específicas daquela área de conhecimento”, o que permite maior uso de jargões e termos técnicos. No jornalismo esportivo, por exemplo, é esperado que quem o consoma tenha conhecimento prévio das regras do jogo, inclusive sobre alguns bastidores dos clubes que sejam de domínio público. Tavares (2009, p. 123; 125) comenta que o jornalismo especializado deve fazer a mediação entre o saber especializado e o público das notícias. Ou seja, essa seria a combinação necessária para a compreensão do público leigo e a explanação de quem tem domínio maior do assunto.

A busca da especialização por parte dos repórteres de rádio tem se tornado recorrente. Isso significa ter dedicação exclusiva para uma editoria ou tópico de interesse da população, podendo ser dividida entre locais determinados (aeroportos, delegacias, clubes de futebol, federações esportivas, etc.). Não obstante, a especialização é por vezes forçada pela emissora em que o repórter de rádio se encontra. Ao chegar em um veículo, pode ser compulsória a cobertura de tal ramo específico ou em tal local determinado.

Em virtude do sucateamento da profissão e da quantidade cada vez menor de repórteres nas redações de emissoras jornalísticas, o repórter especializado não é figura frequente, com exceção das grandes empresas de comunicação.

Polarizada, a sociedade parece não conseguir encontrar assuntos que tomem a atenção de grande parte. Abiahy (2000, p. 5) relata que “o interesse pelo debate é que tem diminuído a tal ponto que as pessoas parecem não se envolver mais, a opinião pública vem sendo substituída pela pesquisa de mercado.” A setorização está interligada ao progresso das tecnologias e à formação de comunidades consumidoras de temas cada vez mais distintos. Desta forma, é perceptível o crescimento dos veículos alternativos, sejam eles idealizados e seu conteúdo produzido por jornalistas ou não.

A cognição por parte do repórter de rádio é fundamental para que o mesmo se estabeleça como setorista de algum ramo determinado ou local específico. Lage (2001, p. 49) considera que não seja necessário uma segunda formação acadêmica para que o trabalho do repórter setorista cumpra seu papel. Um período razoavelmente curto de estudos sobre a área desejada pode tornar um jornalista recém chegado em uma redação em um setorista capaz de realizar coberturas com profundidade. A combinação de prática com vivência, afinal, concede mais conhecimento ao repórter e expande as suas habilidades de cobrir um tema específico. Um jovem vindo do interior do estado, por exemplo, necessita de tempo e estudo para desempenhar o papel de setorista de trânsito, câmara de vereadores e polícia. A adaptação nem sempre é simples. Mas é evidente que, caso tenha outra formação, o aprofundamento feito pelo repórter especializado será mais rico em detalhes e conhecimento técnico. Além disso, abrem-se possibilidades de atuação

em veículos que não façam cobertura de acontecimentos em geral, como as grandes emissoras, mas em um veículo particularizado.

O jornalismo esportivo não foge da regra. É preciso que o repórter setorista esportivo tenha uma bagagem, mesmo que mínima, de conhecimento dos bastidores do clube. É o que o diferencia de algum randômico profissional que chega, despreparado, a um Centro de Treinamento ou em uma redação. Conforme Coelho (2014), é valioso demais o conhecimento prévio adquirido, conhecimento este que começa a ser construído desde o momento em que se é uma criança e nutre uma paixão enorme pelo time de coração.

Diferente de outras especializações e setores do jornalismo, o repórter setorista esportivo não tem a preocupação de explicar termos da linguagem esportiva. Por se tratar de esportes que mexem com a paixão de quem acompanha, o público em geral está acostumado com os jargões de cada modalidade. O repórter, no entanto, não pode imaginar que todos vivem daquilo como ele. Apesar de as regras dos esportes serem de conhecimento público, elas devem ser propriamente elucidadas – sobretudo de esportes que não recebem tanta atenção dos veículos e não fazem parte do cotidiano do público em geral.

A audiência pode ser leiga e não conhecer todos os esportes e, ao mesmo tempo, ser fascinada por alguma modalidade específica. É neste caso que entram as especializações dentro da editoria de esportes. Inseridos no cotidiano do futebol, estão os repórteres que cobrem automobilismo, lutas, esportes aquáticos, categorias de base dos clubes de futebol e federações e confederações de futebol, como explicam Barbeiro e Rangel (2015). O espaço dado para outras categorias de esportes é proporcional ao interesse do público. É comum encontrar programas relacionados a outros esportes na grade de programação do final de semana das grandes emissoras. É necessário, todavia, para que se valorize e incentive que o público os pratique, além de gerar interesse em outras modalidades. A luta contra o mercado é, geralmente, desigual. Apenas o futebol vende grandes cotas de patrocínios e leva audiência aos veículos.

Tavares (2009) prega que a especialização do jornalismo associa-se, de forma mais concisa, à evolução dos meios de comunicação e à formação de grupos sociais consumidores de mídia cada vez mais distintos. Sobre isso, Berganza Conde

(2005) relata que a especialização é fruto das exigências feitas pela audiência, que é cada vez mais diversa e tem interesses cada vez mais específicos, forçando o jornalismo a adaptar-se e despertar a produção de conteúdos focados em temas, editoriais, ramos e lugares específicos. Exigências essas que são geradas a partir da evolução das tecnologias, e que estabelecem interesses maiores da população em outros temas, culturas e povos. A cobertura esportiva cresceu e estendeu-se por diversas ramificações que atendem a quase todas as reivindicações feitas pela audiência, que teve seu interesse despertado por meio da descoberta e do acompanhamento de outras modalidades esportivas. A alternativa que empresas de comunicação tomam para que a cobertura destas modalidades chegue ao consumidor é a de abrir canais de veiculação pela Internet, onde o público teve seu primeiro contato com os esportes não convencionais. Na Internet, independe se o horário da transmissão coincide com alguma atração da grade: não existe restrições quanto à programação das emissoras.

#### 2.4 O ATUAL CONTEXTO PARA REPORTAGEM ESPORTIVA NO BRASIL

Hoje em dia, a reportagem esportiva no Brasil não tem tanta liberdade quanto teve nas últimas décadas. Houve momentos, até os primórdios dos anos 2000, em que a reportagem poderia ingressar nos vestiários dos clubes após as partidas e produzir materiais, entrevistar jogadores e descobrir mais sobre os bastidores. A ascensão das assessorias de imprensa – tanto dos clubes quanto as privadas, que gerenciam a imagem de jogadores, treinadores e dirigentes de futebol – impede que o contato com os profissionais envolvidos com os clubes de futebol seja feito diretamente. A dificuldade de conseguir o acesso exclusivo com a facilidade que se tinha molda o formato de produção e programação das emissoras brasileiras.

Pronunciamentos de personagens ligadas aos clubes de futebol são feitos, majoritariamente, em entrevistas coletivas. Esses momentos acontecem antes ou após os treinamentos e tornam-se o único material que a reportagem tem para basear seu trabalho. Raramente se vê algum diferencial no trabalho dos repórteres esportivos; as informações são as mesmas e as ilustrações de palavras oficiais dos clubes de futebol mais ainda. Abreu (2014, p.23), contudo, tem um pensamento oposto à realidade: “Para tanto, é preciso que o repórter sempre seja atendido, independentemente de o assunto interessar ou não a instituição”.

O momento multifacetado que se encontra o rádio faz com que o repórter não produza apenas material para a emissora de FM e AM que atua, o que insere o repórter à cultura da convergência, citada por Ferraretto e Kischinhevsky (2010). A análise sugerida pelos autores requer compreender as adaptações da sociedade contemporânea. A realidade faz com que o repórter esportivo de rádio tenha obrigação de reutilizar o conteúdo em seu perfil no Twitter e em outras plataformas de redes sociais, elabore material para que o site do veículo seja abastecido, além de alguns casos em que a emissora possui um canal de televisão. Acumula-se, então, mais uma função para o repórter esportivo de rádio, que deixa de ser exclusivamente "de rádio".

São quatro as emissoras de rádio porto-alegrenses que têm enfoque esportivo, e que possuem concessão para transmitirem seus sinais em AM e FM: Rádio Bandeirantes, Rádio Gaúcha, Rádio Grenal e Rádio Guaíba. Estas fazem cobertura diária dos clubes de futebol sediados em Porto Alegre, Grêmio e Internacional, comprovando que o "esporte" para os veículos é futebol e, majoritariamente, clubes que disputam a série A do Campeonato Brasileiro. Com exceção da Rádio Gaúcha, a única emissora que possui sedes em outras regiões do Rio Grande do Sul, os outros veículos não são capazes de realizar a cobertura de outros clubes e modalidades corretamente, voltando ao conceito de "jornalismo sentado" de Neveu (2006).

O trabalho da reportagem, na cobertura dos jogos de futebol e fora da semana, ao cobrir os rotineiros treinamentos, é dificultado pela aquisição de direitos de transmissão entre redes de televisão e plataformas de *streaming* na Internet. Exemplos são o Campeonato Brasileiro, a Copa do Brasil e a Copa Libertadores da América. Nos primeiros dois citados, o repórter de rádio é autorizado a posicionar-se atrás das goleiras, para que se tenha melhor compreensão dos lances da partida e que a transmissão não perca em detalhes. A abordagem aos jogadores, porém, só é possível ao final dos dois tempos da partida, e não é permitido que se faça entrevistas durante o intervalo da partida, como outrora. Já na Copa Libertadores da América, os repórteres sequer podem manter suas posições no gramado: devem ficar estabelecidos nas cabines de imprensa designadas a suas emissoras, tendo a mesma visão de narradores e comentaristas. Isso prejudica o trabalho do repórter de rádio, que faz uso excessivo da visão para transmitir e relatar ao ouvinte o lance.

### 3 A ÉTICA PROFISSIONAL E A IDENTIFICAÇÃO DO REPÓRTER

No terceiro parágrafo serão abordadas a objetividade jornalística com os autores Abramo (1988), Amaral (1996), Tuchman (1999), Japiassú e Marcondes (2001) e Henriques (2016), o ambiente da redação com os autores Travancas (1993), Barbeiro e Rangel (2015) e Lage (2015) e a ética do repórter baseando nos autores Caldas (2005) e Christofolletti (2008).

#### 3.1 A IDEIA DE OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA

Parâmetro para o exercício jornalístico, a objetividade pode ser interpretada de diferentes maneiras. Amaral (1996, p.17) relata que, “para os realistas, a verdade deve ser interpretada como a correspondência com a realidade (objetividade); para os pragmatistas, a verdade é aquilo que é vantajoso para nós crermos (subjetividade)”. Essa discussão é importante por várias razões, dentre elas a imagem que os profissionais têm da sua própria área e a que anseiam por vender externamente.

Autores do jornalismo entendem o fato separado da notícia, o resultado do que acontece. Segundo Henriques (2016, p.2), o acontecimento ocorre de forma “autônoma, independente e anterior aos próprios jornalistas” e, no processo de produção da notícia, baseada no episódio, a interpretação por parte do jornalista entra em cena, transformando os acontecimentos em produtos veiculados em jornais, rádios, televisões e Internet.

Tuchman (1999) entende que o papel do profissional seria realizar todos os procedimentos de apuração para que fossem minimizadas as possibilidades de interferência subjetiva nos casos. Amaral (1996, p.25) data para o século XIX a incorporação do conceito de objetividade no jornalismo, bem como os discursos de “imparcialidade e equilíbrio como componentes determinantes da ética profissional de captação e transmissão de notícias”. Não havia preocupação de editores e leitores quanto à parcialidade expressa na imprensa até a primeira metade do século XIX, como a mesma era político-partidária, o que ocorria era a compra do material para “saborear a versão parcial dos acontecimentos e para se ler as críticas aos adversários, quase sempre pessoais”, conforme relata Amaral (1996, p.26).

Surge em Inglaterra, França e Estados Unidos a imprensa comercializada: um misto de isenção, alheamento em relação a ideologias e neutralidade. Foi quando a narração dos fatos tomou prioridade, tendo o jornalista que deixar de lado seus princípios, referências políticas e ideológicas. Ele não deveria explicar tampouco comentar os acontecimentos, somente relatá-los. Amaral (1996) conta que foram quatro os acontecimentos principais que contribuíram para que a adoção do princípio da objetividade fosse adotada: o advento das agências de notícias, as duas guerras mundiais, o advento da publicidade e das relações públicas e o desenvolvimento industrial.

A luta por espaço e poder para as minorias é recente. Colocando-se no lugar do outro, inúmeras indagações são feitas:

Pode o branco escrever sobre as realidades da vida do negro? Pode o homem escrever sobre a condição da mulher? O cristão compreender o muçulmano, ou vice-versa? O muçulmano compreender o judeu? O rico entender o pobre? O religioso, o ateu? O anglo-saxão entender o latino? Pode o velho falar sobre o jovem, ou o jovem falar sobre o velho? Pode um gremista discutir objetivamente um Grenal? Um corinthiano, um jogo contra o São Paulo? Um rubro-negro, um Fla-Flu? (AMARAL, 1996, p. 45).

Estas indagações fazem com que seja pressuposta a verdade, confiando na imparcialidade do profissional que age como emissor. Para o Dicionário Básico de Filosofia de Japiassú e Marcondes (2001), verdade é definida como a adaptação do intelecto ao real e para a teoria consensual, resultado do consenso ou do acordo entre os indivíduos de uma determinada comunidade. Pode ser, enquanto significação, uma cultura quanto ao que consideram aceitável ou justificável em sua maneira de encarar o real. Amaral (1996) menciona uma pesquisa feita por Hebert J. Gans nas redações de NBC e CBS, redes de televisão dos Estados Unidos, e Time e Newsweek, revistas estadunidenses de tiragem global. A pesquisa mostra que a maioria dos profissionais norte-americanos recebe treinamento para que seja seguida a definição de objetividade. Em geral, os profissionais “não costumam manifestar posições ideológicas, políticas, religiosas nos locais de trabalho e, se o indivíduo não for capaz de se manter objetivo na execução de determinada tarefa, fica fora da pauta” (AMARAL, 1996, p. 48), demonstrando uma forte posição das empresas de comunicação estadunidenses para com os integrantes ativos de suas redações.

É válido tal posicionamento dos veículos de imprensa? Abramo (1988) não encontra seriedade e aplicabilidade na filosofia da objetividade no trabalho. Considera-a uma bobagem e uma violação ao direito individual de cada um a ter suas opiniões:

O jornalista não tem ética própria. Isso é um muito. A ética do jornalista é a ética do cidadão. O que é ruim para o cidadão é ruim para o jornalista. (...) A resolução da questão ética depende também do que o jornalista considera como seu dever de cidadão. Caso ele saiba de algo que põe em perigo a pátria, que põe em perigo o povo brasileiro, o dever de cidadão deve refletir na profissão. O limite do jornalista é esse, ou seja, o limite do cidadão (ABRAMO, 1988, p.109).

Para Amaral (1996), políticos e escritores têm o aval para que a sua subjetividade seja expressa. Posto isso, “os políticos e escritores que podem passear indiferentemente entre uma noção e outra de objetividade e subjetividade, dependendo das circunstâncias e interesses, criando a sua própria verdade” (AMARAL, 1996, p.50). Do jornalista é exigida uma imparcialidade na busca diária pela notícia, esquecendo-se de que, atrás dos blocos de anotações, gravadores, microfones e computadores, há um ser humano. O repórter que, durante sua formação, adquiriu e construiu seu senso crítico, pode ter sua motivação emocional e racional para ir atrás de uma informação. A subjetividade estará sempre presente, mesmo que a designação da cobertura de um ou outro acontecimento não seja do repórter. Pensemos em um jornalista esportivo que nutre admiração pelo estilo de futebol sul-americano. Sempre que houver algum indício de negociação com jogadores ou treinadores que façam parte do escopo de encantamento dele, a vontade, o empenho e o conhecimento posto em prática se intensificarão.

Na polarizada circunstância de mundo em que estamos vivendo, com os mais diversos preconceitos sendo destilados, nas guerras virtuais – e até presenciais – ideológicas entre direita e esquerda, o jornalismo se faz presente. O questionamento se é possível manter a objetividade nesse contexto permeia a comunidade jornalística. Acusações de manipulação de informação são constantes e Amaral (1996) relata que nem sempre as revistas, as emissoras de rádio e TV e os jornais eram capazes de honrar as promessas de isenção e equidade, ao público, quando está em jogo o seu interesse próprio, mas também o interesse econômico das grandes empresas de comunicação. Para alcançar o poder e o lucro, valores

almeçados por quem comanda a administração dos veículos de imprensa, é preciso fornecer um serviço que tenha equilíbrio, imparcialidade, atratividade e que seja convidativo. Em contraponto, o que é divulgado deve seguir os princípios fundamentais e editoriais escolhidos por quem comanda o jornalismo na empresa.

Exemplo de escolha editorial por parte dos comandantes é o movimento estudantil de 2016 no Brasil. Mais de mil instituições de ensino em todos os estados brasileiros foram ocupadas por estudantes, que reivindicavam melhores condições de estudo e eram contra a PEC 241 do teto de gastos, a Escola Sem Partido da PL 44/2016 e a medida do Novo Ensino Médio<sup>1</sup>. Os manifestantes, em veículos de comunicação, eram chamados de vândalos e as ocupações denominadas de invasões. Apesar de discordarem, os repórteres tinham que seguir a linha que lhes fora imposta, mesmo que a mesma não fosse a que eles compreendessem ser a correta.

### 3.2 O AMBIENTE DA REDAÇÃO E A ÉTICA DO REPÓRTER

O coração do veículo de comunicação é a redação, onde ficam seus funcionários trabalhando quando não estão realizando a cobertura de alguma pauta externa. Em tese, os espaços deveriam funcionar 24 horas por dia, abarcando um contingente mínimo para uma emergência. A redação é essencial por uma razão: a elaboração da pauta precede o repórter na rua cobrindo alguma eventual notícia. O imaginário popular sobre como é, fisicamente, uma redação jornalística é exemplificado por Isabel Travancas:

Uma redação se resume em: uma enorme sala, bem iluminada artificialmente, cheia de mesas, cadeiras, muitos terminais de computador e vários telefones. Uma sala fechada, com persianas que não permitem a entrada de luz, fazendo com que os que nela<sup>2</sup>trabalham percam a noção de tempo, a não ser pelo relógio da parede e pelo próprio ritmo do trabalho. O ar-condicionado é forte por causa dos terminais de computador e os ruídos, intensos e incessantes. Hoje em dia tais ruídos não provêm mais do som das máquinas de escrever, (...) mas das conversas em voz alta, da campanha dos telefones e do entra-e-sai de gente, a todo instante (TRAVANCAS, 1993, p. 23-24).

---

<sup>2</sup> EL PAÍS. **PEC 241: Com quase 1.000 escolas ocupadas no país, ato de estudantes chega a SP.** São Paulo, 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/24/politica/1477327658\\_698523.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/24/politica/1477327658_698523.html). Acesso em 16 nov. 2019.

A estrutura das redações jornalísticas sofreu uma grande mudança se comparada com momentos anteriores. Os computadores não fazem mais tanto barulho quanto as máquinas de escrever, as redações não são tão populosas como eram e já não há capacidade financeira de manter a reportagem circulando e viajando constantemente. Para quem viveu nos dois modelos de redação e sente falta do primeiro, o saudosismo segue vivo no meio do jornalismo.

O que não muda, em parte das empresas jornalísticas, é o organograma dos veículos de comunicação. As categorias existentes nas décadas passadas seguem ativas, como repórter, redator, fotógrafo, diagramador, subeditor, editor, chefe de reportagem e editor-chefe. Contudo, alguns veículos que sofreram ou sofrem com crises financeiras tiveram de descontinuar algumas ocupações. Todas essas funções têm cadeira cativa nas redações de jornais, rádios e televisões. Intacta persiste a divisão da redação em editorias: esportes, cultura, internacional, economia, política, geral e saúde. A separação, no entanto, mudou. Fisicamente, apenas o esporte tem setor específico para que sua equipe se posicione, as outras editorias ficam juntas no espaço que lhes é designado.

O comprometimento com a empresa em que se trabalha pode ser fundamental para se entender o significado de ética profissional. Para muitos jovens jornalistas, a noção de ética está atrelada à ideia de um código com normas estabelecidas para que seja realizado o trabalho. Para outros, com mais bagagem e senso crítico, o "código" é subjetivo, baseado na consciência e bagagem do jornalista, variando de pessoa para pessoa. Algumas empresas de comunicação possuem seus códigos e manuais, mas estes geralmente são criados para que seja transmitida sobretudo a filosofia e forma de atuação do veículo. As noções individuais de ética podem gerar dicotomia entre o real e o ideal no cotidiano do jornalista. Ser ético para com a empresa, que tem ideais diferentes de seus funcionários, pode gerar dificuldades e complicações. O fundamental, segundo Travancas (1993), é mostrar-se isento perante os fatos e buscar uma apuração sem preconceitos ou ideias preconcebidas. Para a autora citada, a imagem do leitor deve ser onipresente para o repórter, é ao leitor que o repórter deve satisfação. Embora o jornalista ressalta que seu compromisso é com a notícia e os fatos, o leitor é o ponto final do trabalho do profissional, é o destino de toda a produção, retomando a responsabilidade social do jornalista.

A pesquisa realizada por Isabel Travancas e publicada em seu livro, *O mundo dos jornalistas*, relata que, a despeito de terem dúvidas se servem à empresa, à notícia, ao leitor ou até aos seus interesses, os jornalistas que foram entrevistados declaram que seus compromissos são com o jornalismo e com a notícia. Travancas (1993, p.94) defende que “É preciso fazer um trabalho digno e consciente, independente da empresa para a qual se trabalha”.

Caldas (2005, p.89), nos tempos de pós-modernidade, considera rediscutir a formação do jornalista como um conhecedor na interpretação dos fatos, não apenas um transmissor dos acontecimentos, e o papel da imprensa na formação das mentalidades na memória pessoal e coletiva. O papel do jornalista, segundo a autora, “nunca foi tão valorizado e, ao mesmo tempo, banalizado”. O importante, no final das contas, não é o conteúdo em si, mas a maneira como o conteúdo é produzido para que ele seja transmitido desde as fontes que são escolhidas para ilustrá-lo até o encaminhamento dado pelo repórter.

A construção da narrativa jornalística tem o poder de fazer e desfazer contextos, montar e desmontar realidades e destruir e construir conceitos para o público receptor. Caldas (2005, p.91) enfatiza que “a ética do indivíduo, do cidadão, precede a ética da imprensa, que deve ser moldada pelas ações individuais e coletivas da sociedade na qual está inserida. A ética é também um discurso; discurso e práxis precisam caminhar juntos”. No cotidiano dos profissionais deve estar, diariamente, o exercício da autocrítica em relação ao processo de produção da notícia e sua repercussão na formação da opinião pública. A confusão entre seguir as normas de conduta da empresa como ética profissional e seguir a ética do cidadão é constante. A segunda deve fazer parte do comportamento do profissional de jornalismo, pelo poder de ser quem detém o que circula ou não na mídia e pela proximidade que ostenta perante o receptor.

A formação crítica dos cidadãos passa, primordialmente, pelo papel ético e da responsabilidade social defendidos pela imprensa, pois não se pode confundir o imaginário popular com manipulações e cruzamento de ficção com realidade para a transmissão de informações. Quando estes casos ocorrem, o desserviço praticado por parte dos integrantes da imprensa é imensurável, segundo Caldas (2005).

Para o autor, o futuro perfila um jornalista que saiba “pensar com lógica, investigar sem preconceitos, escrever com elegância e informar com clareza e isenção sobre a verdade dos fatos” (CALDAS, 2005, p. 92). Para isso, faz-se necessário o fortalecimento das redações, oposto ao que acontece na maioria dos veículos de comunicação. É postulado que o crescimento da cultura do trabalho bem-feito e o estabelecimento de mecanismos que avaliam a qualidade ética da informação são imprescindíveis para a profissão.

### 3.3 A POSTURA DO REPÓRTER

Quando se fala em ética no jornalismo, as relações entre jornalistas e fontes são as mais citadas. A causa é simples, de acordo com Lage (2015, p.42): “Isso decorre naturalmente do fato de que, no percurso da informação das fontes até o público, é este – o público – o mais indefeso”. Quem detém a informação é a fonte, que passa ao jornalista por um interesse próprio, e quem transmite a informação recebida pela fonte para o público em geral é o jornalista. Sendo assim, as relações entre jornalista e fonte devem ser, acima de tudo, cuidadosas. O repórter não pode se tornar agente da fonte e nem o contrário. Lage (2015) ressalta que a troca entre os dois deve ser única e exclusivamente de informação.

Outra corrente de raciocínio ético trata da divulgação de informações de casos em andamento, o que pode causar alterações nos fatos seguintes. O conselho dado é que os repórteres nesta situação ajam com ceticismo, para que sejam isentos e não participem, de fato, dos episódios. Lage (2015, p.44) exemplifica de forma clara – “É melhor escrever que Jesus Cristo foi condenado por se opor ao poder romano (e não que ele se opôs ao poder romano)”. Lage (2015, p.45) cita supostos desafios éticos, baseados na tese de que não se deve divulgar casos de suicídios por encorajar uma possível reprodução. Ele conclui que “tal critério impediria a divulgação de todas as notícias negativas, construindo na imprensa um mundo maravilhoso, de comportamentos corretos e éticos – só que, lamentavelmente, imaginário”.

Saber discernir a paixão é um desafio que deve ser encarado com frieza pelos jornalistas esportivos. Barbeiro e Rangel (2015) explicam que o jornalismo é para ser feito com amor, e que não pode ultrapassar aos limites da ética jornalística.

Barbeiro e Rangel (2015, p.122) completam explanando que as pessoas "não são exatos com relógios de quartzo, mas nada justifica que o entusiasmo e a alegria se transformem em manipulação e distorção", advertindo que o sentimento deve ser mantido em segundo plano, sem que possa interferir na atividade do repórter setorista.

Christofoletti (2008, p.76) enxerga, no jornalismo esportivo, que o maior impasse ético é distância entre os profissionais de comunicação e as fontes de informação. O autor comenta que é "comum perceber que o repórter – principalmente o setorista – escapar vestígios de um certo deslumbramento". Recapitulando, a convivência diária leva à intimidade, que pode ser apenas artificial. Contraponto feito por jornalistas e relatado pelo autor é o de tentar equilibrar a ambiguidade interna, evitando de todas as maneiras demonstrar qual sua equipe de futebol preferencial.

A responsabilidade ética do jornalista é com sua profissão, não com suas fontes. A omissão de informação por causa de pedidos de preservação de identidade, com medo de exposição, é uma falha enorme. Lage (2015, p. 45) finaliza dizendo que, "se existe algo progressista no mundo, positivo em termos históricos, esse algo é a verdade. Sua omissão ajuda a frustrar as boas políticas e a produzir, a longo prazo, desesperança, por menos que pareça, de imediato".

Christofoletti (2008, p.77) o completa: "Esconder o time do coração não garante que o jornalista seja mais equilibrado em sua análise ou que faça uma boa avaliação do contexto". Casos que evidenciam esta indiferença quanto à revelação ou não do seu clube de coração são os dos comentaristas Mauro Beting e Paulo Vinícius Coelho, palmeirenses declarados, e Juca Kfourri, corintiano declarado, que não sofrem desconfiança por parte do público que recebe suas opiniões.

## 4 ANÁLISE DA ROTINA DE TRABALHO (RB-SP e RB-POA)

No referente capítulo, abordaremos a percepção sobre impactos e rotinas de trabalho de repórteres setoristas fixos e móveis nas Rádios Bandeirantes de Porto Alegre e de São Paulo. O objetivo é entender se há percepções quanto ao trabalho técnico, ético e social a partir da presença constante no clube e como isso se cruza com as referências trazidas anteriormente.

Para obter as respostas necessárias ao estudo, adotaremos a observação participante, acompanhando o trabalho dos referidos profissionais durante a rotina em um dia, cada. Após as observações, serão realizadas entrevistas padronizadas com cada um deles.

O objetivo da observação participante é testemunhar *in loco* como cada profissional atua, tanto enquanto setorista quanto enquanto um trabalho flexível, hora acompanhando um clube, hora outro. Presencialmente, é possível notar percepções, rotinas, construções e possíveis fatos que o repórter eventualmente queira minimizar ou divulgar de outra maneira.

A entrevista padronizada levou em conta o objeto deste trabalho, que é descobrir semelhanças, discrepâncias e analisar aspectos do trabalho entre um repórter setorista em analogia e um repórter que atua de forma flexível, não necessariamente sempre no mesmo departamento, clube ou área.

### 4.1 ROTINA DE TRABALHO DE REPÓRTERES DE RÁDIO SETORISTAS FIXOS DE CLUBES DA RÁDIO BANDEIRANTES DE SÃO PAULO

Neste subcapítulo, serão relatadas as percepções do autor após o acompanhamento de um dia de trabalho dos repórteres setoristas fixos de clubes da emissora paulista. Desde a ida ao Centro de Treinamento do clube que cobre até a sua última obrigação na sede do Grupo Bandeirantes de Comunicação, o repórter será assistido e analisado.

#### 4.1.1 A ROTINA DOS REPÓRTERES VINICIUS BUENO (PALMEIRAS) E JOÃO PAULO CAPPELLANES (CORINTHIANS)

A rotina de Vinicius Bueno

Acompanhamos a rotina de trabalho de Vinícius Bueno, repórter da Rádio Bandeirantes de São Paulo e setorista fixo da Sociedade Esportiva Palmeiras, no dia 19 de setembro de 2019. Desde sua ida ao treino do clube, na Academia de Futebol, localizada na Barra Funda, até a participação em três programas nos meios de disseminação da Rádio Bandeirantes de São Paulo.

Quando os treinamentos são pelo turno da manhã, Vinicius tem a opção, e a acata, de ir por conta própria, seja de metrô – o que é mais usual para o repórter – ou em carros de aplicativos, para a Academia de Futebol.

É até engraçado, eu não tenho a necessidade de vir na Band, eu tenho a liberdade de ir direto para o treino, por exemplo, se for o caso, eu posso sair de casa e ir para o treino, fazer as entradas de lá e voltar para a minha casa, isso seria possível sem que eu viesse para a Band. Hoje, como eu participo de um programa diário, aqui, que é muito mais na linha do humor e da brincadeira, que é o *Resenha, Futebol e Humor (...)* esse programa, a participação que eu faço me força a vir na Band (BUENO, 2019).

Quanto à qualidade do som, uma vez que o repórter não passa na sede da emissora para levar equipamentos necessários para a coleta das entrevistas realizadas, a entrevista coletiva é captada pela geração que a Band TV faz, com o intuito de não perder a sua qualidade. As entradas do repórter no *De Primeira*, debate que vai ao ar das 11h30min às 13h00, de segunda a sexta-feira, acontecem por telefone caso o repórter não esteja na sede do veículo, ou no próprio estúdio, relatando as informações que angariou.

Na data em que fora acompanhada a rotina de trabalho de Vinicius Bueno, o treinamento ocorreu na parte da manhã e, mesmo com um recente histórico de resultados positivos – uma sequência de três vitórias seguidas –, a prática aconteceu com portões fechados. Os treinamentos fechados fizeram parte da rotina da reportagem esportiva setorista do Palmeiras por mais de um ano. Luiz Felipe Scolari, técnico demitido em setembro de 2019, não era adepto do modelo de treino aberto, fato que fazia com que a reportagem praticasse o "jornalismo sentado" de Neveu (2006): “Eu passei um ano e meio cobrindo treinos de um clube que dava a oportunidade de acompanhar apenas 10 minutos cronometrados de aquecimento dos atletas” (BUENO, 2019).

Ainda era o primeiro mês de trabalho do novo treinador, Mano Menezes. O pentacampeão mundial Scolari foi demitido após eliminação da Copa do Brasil para o Internacional, no Beira-Rio. A eliminação da Copa Libertadores da América foi por conta do Grêmio, no Pacaembu. Quando os portões da Academia de Futebol do Palmeiras foram abertos, os jogadores do clube já deixavam o gramado, em direção aos vestiários: era o fim dos exercícios naquele dia. É neste momento em que o repórter entra em ação, na entrevista coletiva do técnico Mano Menezes antes da viagem para Fortaleza, onde o clube alviverde enfrentaria, e venceria, o clube que leva o nome da cidade. Apesar de ser o princípio do trabalho, Mano Menezes esteve confortável com as perguntas dos repórteres de rádio e TV. Por realizar a cobertura apenas para a Rádio Bandeirantes, Vinicius não chega com uma pauta elaborada para o acompanhamento dos treinos. Os temas abordados pelo repórter são formulados com o decorrer da atividade, assim como as perguntas realizadas na entrevista coletiva, que não são planejadas previamente.

Passada a entrevista coletiva, na qual cada repórter teve o direito de fazer uma ou mais perguntas, o repórter da Rádio Bandeirantes Vinicius Bueno realizou, diretamente da Academia de Futebol, uma participação do programa *De Primeira* por telefone, contextualizando, em um boletim, o treinamento da manhã e relatando o que foi dito pelo treinador na entrevista coletiva concedida. Essas entrevistas coletivas, durante o comando técnico de Felipão, deixaram de ser diárias e constantes. A rotina do repórter transformou-se.

Após a primeira entrada ao vivo acompanhada, Vinicius seguiu rumo à sede da emissora, no bairro Morumbi, para que pudesse organizar seu material e se preparar para o *Resenha, Futebol e Humor*, programa descontraído apresentado por Roman Laurito. A atração vai ao ar das 19h00 às 20h00 e, na época, era transmitido pela Rádio Bandeirantes em AM, FM e no canal do Youtube do veículo. Recentemente, *Resenha, Futebol e Humor* foi adicionado à grade de programação do canal de TV BandSports. O repórter também participou do *Nossa Área*, que alterna entre informações dos repórteres e entrevistas com personalidades de diferentes modalidades esportivas que não seja o clássico futebol masculino profissional. O programa é veiculado das 20h00 às 22h00 e tem comando de Elia Júnior.

Já na redação da Rádio Bandeirantes de São Paulo, Vinicius chega, após o treino do Palmeiras, de carona com a equipe da Band TV que acompanhou a atividade (a sede das emissoras é a mesma). O trabalho, porém, não para: além de entradas durante a programação comandada pelo jornalismo geral, é feito um giro de informações de hora em hora. A Rede Bandeirantes, espalhada por todo o Brasil, faz com que Bueno tenha demandas para diferentes regiões brasileiras. Pedidos de boletins com informações do Palmeiras surgem de Porto Alegre, Goiânia e Salvador, e é recorrente a troca de materiais entre os repórteres e produtores de outros estados. Isso faz com que a notícia seja ambientada com uma voz local e uma pessoa que possua conhecimento maior e mais próximo dos acontecimentos, como se espera de um setorista.

Em casos de treinamentos do Palmeiras no turno da tarde, Vinicius participa de programas do canal de TV BandSports, como o *BandSports News Debate*. Neste caso, sua participação não pressupõe exclusivamente relatar os acontecimentos com o clube, mas debater os temas propostos ao decorrer do programa junto aos convidados. Aliás, o jornalista tem a permissão da Bandeirantes de realizar participações em atrações de outras emissoras, como o *Boa Tarde Fox* dos canais Fox Sports.

Passado o período de atendimento para outras praças da Rede, o setorista inicia sua preparação para o *Resenha*, abreviação de *Resenha, Futebol e Humor*. Por causa do horário do programa (19h, horário de pico no trânsito paulista) e da temática, uma mesa redonda com uma média de sete participantes, a repercussão das informações é leve e descontraída. Seria diferente se o programa tivesse o formato de noticiário. Por vezes, a maneira como o programa é conduzido não permite que as informações dos clubes sejam noticiadas, uma vez que a reprodução das notícias não é a prioridade.

Chegando ao último compromisso do dia, boletim com todas as informações do Palmeiras no dia para o *Nossa Área*, comandado por Elia Júnior. O programa informativo aborda, além do futebol, modalidades esportivas que fazem parte dos ciclos olímpico e pan-americano, e reproduz entrevistas com personagens com relevância para a atração noturna.

A rotina de João Paulo Capellanes

A rotina de trabalho do repórter João Paulo Cappellanes, setorista fixo do Sport Club Corinthians Paulista pela Rádio Bandeirantes de São Paulo, foi acompanhada no dia 20 de setembro de 2019. O Centro de Treinamentos Joaquim Grava, onde o Corinthians realiza suas atividades entre partidas das competições que participa, é afastado da cidade. São 30 quilômetros da sede do Grupo Bandeirantes de Comunicação, o que dá uma média de 40 a 50 minutos de deslocamento até chegar à instalação corintiana.

Em conformidade com Vinicius Bueno, setorista fixo do Palmeiras, Cappellanes tem a liberdade de realizar o deslocamento para o CT Joaquim Grava a partir de sua casa, sem ter a obrigação de locomoção até a sede da emissora para, com um motorista, ir ao CT. Porém, João Paulo geralmente sai de sua casa, dá uma rápida passada na sede da Rede Bandeirantes para pegar equipamentos como o Access<sup>3</sup> e realizar sua entrada no *De Primeira* com qualidade de som melhor, uma vez que a ferramenta é conectada via Internet e, apesar do *delay* – que é menor em comparação com outros equipamentos disponíveis no mercado, como o Tieline<sup>4</sup> –, consegue naturalmente noticiar os acontecimentos que se passaram no treino e na coletiva do Corinthians.

Eu vou geralmente com equipamento, eu entro por Access, que tem garantia de sinal maior, oscila menos e capta mais o som, direciona mais o microfone. Às vezes eu tenho que passar na Rádio para pegar o equipamento e, vez ou outra, se faz por telefone, né, às vezes não tem jeito (CAPPELLANES, 2019).

A captação das entrevistas coletivas que são concedidas no CT Joaquim Grava é feita da mesma maneira que na Academia de Futebol do Palmeiras: por meio da geração de som e imagem feita pela equipe que a Band TV encaminha para a cobertura do treinamento. Em 20 de setembro, o treinamento do clube alvinegro foi feito com portões fechados, e a razão é simples. Os resultados não eram os esperados dentro de campo e, para que se tivesse maior privacidade entre comissão técnica e jogadores na atividade, foi tomada esta decisão. Dois dias antes, em 18 de setembro, o Corinthians havia perdido por 2x0, em casa, na partida de ida das

---

<sup>3</sup> Software para conexão via Internet. Disponível em equipamento que não necessariamente precisa de conexão via linha de Internet, bastando um aparelho *modem*. Qualidade acima da média e praticidade em fazer uso de microfones e fones no próprio equipamento.

<sup>4</sup> Software para conexão via Internet. Disponível em dois modelos: aplicativo em telefone celular, para serviços que não exijam muita qualidade, com acesso com maior praticidade, e conexão via Internet móvel ou aparelho mais burocrático, para transmissões mais rigorosas, com conexão on-line.

semifinais da Copa Sul-Americana para o Independiente del Valle. A sequência não era boa; nos dez jogos que antecederam o acompanhamento da rotina do setorista, o clube havia ganho apenas duas partidas. Por essa razão, um protesto foi organizado por um grupo de mais de 100 torcedores em frente aos portões que dão acesso ao Centro de Treinamento. Esta, portanto, foi a notícia do dia. A entrevista no dia foi concedida por Vagner Love, jogador experiente que conseguiu "segurar a pressão", respondendo com naturalidade às perguntas sobre os protestos realizados pela torcida e o momento do clube<sup>5</sup>.

Depois da cobertura do treino, pouco após o meio-dia, dos protestos e da entrevista coletiva, João Paulo Cappellanes dirigiu-se à sede do Grupo Bandeirantes de Comunicação para que pudesse organizar o material relacionado ao Corinthians. Nas sextas-feiras, a equipe de repórteres setoristas esportivos da Rádio Bandeirantes apresenta um programa, das 15h00 às 16h00, que é transmitido exclusivamente no canal do YouTube da emissora. O *4x4: Os bastidores do seu clube* envolve João Paulo Cappellanes, Vinicius Bueno, o setorista fixo do Palmeiras, Umberto Ferretti, setorista fixo do São Paulo e Lucas Herrero, setorista fixo do Santos. Em uma mesa redonda, os jornalistas fazem giros de informações dos clubes que acompanham. De forma descontraída, em um programa de uma hora, os repórteres evitam abordar as informações do cotidiano, mas os bastidores e informações mais específicas. Estatísticas de algum jogador que não esteja recebendo oportunidades, por exemplo, ou os modelos de pagamento de salários astronômicos de jogadores renomados mundialmente.

Passada a atração no meio da tarde, João Paulo separa sonoras para que sejam usadas no *Nossa Área*. Nos dias e períodos em que o Corinthians está de folga, Cappellanes aproveita o tempo na redação para a produção e gravação de matérias especiais, além da busca incessante, é claro, por informações com profissionais dos bastidores do time.

Em dias que são realizadas partidas do clube, a rotina do repórter setorista é alterada. Segundo o repórter, o deslocamento se inicia, no mínimo, sete horas antes das partidas que são realizadas no período noturno, já que é preciso "atravessar a

---

<sup>5</sup>VAGNER Love comenta expectativa para jogo do brasileiro. Publicado por Corinthians TV. [S. l.: s. n.], 20set. 2019. 1 vídeo (16 min 06 seg). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=aW0o\\_kBD6Aw](https://www.youtube.com/watch?v=aW0o_kBD6Aw). Acesso em: 10out. 2019.

cidade" da Barra Funda a Itaquera. Tudo para que possam ser feitos todos os procedimentos necessários para a transmissão, como credenciamento, instalação de equipamentos, testes e, enfim, a entrada no ar.

Assim como Vinicius Bueno, João Paulo tem a permissão de participar de programas em outras emissoras de TV, como *De Placa*, *+90* e *Último Lance* dos canais Esporte Interativo. Cappellanes é participante frequente dos programas *Baita Amigos* e *Bola Rolando* do BandSports, além de convites esporádicos dos canais Fox Sports para participações em programas como o *Giro Fox* e o *Tarde Redonda*. A condição de setorista coloca o repórter em evidência para que, em momentos conturbados como o do período de análise, outros veículos o consultem e o convidem para realizar participações nas atrações televisivas, que em nada interferem no compromisso que o repórter tem com a Rádio Bandeirantes.

#### 4.1.2 O QUE DIZEM OS REPÓRTERES VINICIUS BUENO E JOÃO PAULO CAPPELLANES

Os repórteres setoristas da Rádio Bandeirantes de São Paulo, Vinicius Bueno e João Paulo Cappellanes, percebem a função de um repórter especializado como a principal figura e referência, no veículo em que se trabalha, sobre o assunto tratado.

Vinicius, inclusive, relata que “aqui ninguém pode saber mais de Palmeiras que eu, por exemplo, ou não deveria saber. Eu sou o responsável pelas informações do clube e tenho que sempre buscar o melhor para o meu veículo”. Ser responsável, ao mesmo tempo, gera uma pressão maior no repórter. Mas Cappellanes considera ser menos difícil, uma vez que o foco é voltado completamente para uma única vertente. Quanto ao conceito do que é notícia para um setorista e o que é notícia para um repórter, os colegas entram em divergência.

Vinicius julga que a concepção seja a mesma, uma vez que a formação do jornalista nas faculdades não é voltada para a setorização e especialização. Apenas altera-se o ângulo com que se analisa os fatos e os interesses que são gerados a partir da especialização. João Paulo enxerga que há, sim, diferença no conceito de notícia, em razão de o foco das duas modalidades ser diferente e o repórter setorista ter a missão de buscar algo novo sempre. Ele tem a necessidade de encontrar uma

brecha e abordar um tema que não tenha sido abordado antes: “O desafio acaba sendo maior para o repórter setorista, mesmo que o trabalho de um repórter geral seja tão complicado quanto” (CAPPELLANES, 2019).

A relação dos dois repórteres com suas fontes é única e exclusivamente profissional e nem poderia ser diferente, segundo Vinicius Bueno e João Paulo Cappellanes. Barbeiro e Rangel (2015, p. 114) afirmam que muitos dos repórteres “não conseguem separar amizade de relacionamento profissional. Neste caso, é preciso decidir o que é mais importante: a amizade com o personagem ou a carreira de jornalista esportivo”.

Cappellanes afirma que aprendeu, na Rádio Bandeirantes, que não existe amizade entre repórter e dirigente ou jogador. O trabalho deve ser feito independentemente das relações que se têm ou da situação do clube. O contato com as fontes oficiais é relatado por Vinicius Bueno. Para ele, a relação deve ser de confiança entre os dois lados. Ao fazer um telefonema ou enviar uma mensagem de texto para um dirigente, o retorno que ele terá é completamente diferente de alguém que lhe é desconhecido, que nunca está presente nas atividades realizadas na Academia de Futebol ou nas partidas do Palmeiras no Allianz Parque. João Paulo Cappellanes complementa, focando na troca de favores que ocorre entre repórteres setoristas e dirigentes dos clubes de futebol:

O clube, muitas vezes, precisa de você e você precisa do clube, então muitas vezes é uma relação que um ajuda o outro, uma mão lava a outra. Eu enxergo que você tem que saber dimensionar até que ponto não vai confundir as coisas, obviamente você sendo setorista de um clube facilita muito mais seu trabalho que um cara que não vive o dia a dia (CAPPELLANES, 2019).

O contato com essas fontes é feito de maneiras diferentes para os dois repórteres: os dirigentes do Palmeiras não costumam circular pelas áreas de convívio comum, apenas quando o contexto do futebol é favorável. Segundo Vinicius Bueno, o setorista do Palmeiras, isso faz com que as conversas dêem-se por telefones celulares, a partir do aplicativo WhatsApp.

Bueno, no último ano, relata que tinha o costume de acompanhar o aquecimento dos jogadores antes do treinamento de portas fechadas determinado pelo técnico Luiz Felipe Scolari. O contato era mínimo, quase nulo.

Para João Paulo Cappellanes, a situação é diferente. O repórter afirma que o contato pessoal existe – e o recomenda fortemente: "Hoje em dia, está muito difícil o acesso à informação. Tem que saber construir e conquistar. Eu considero uma conquista o contato com um presidente, um dirigente de futebol, diretor adjunto, membro do departamento médico" (CAPPELLANES, 2019).

A soma da presença diária nas sedes dos clubes, com o contato frequente com dirigentes, resulta em um favorecimento para a conquista e divulgação de informações exclusivas. João Paulo Cappellanes considera que a aparição constante faz com que as pessoas conheçam sua forma de trabalho e índole, e que isso facilita apuração de informações, quando comparado com alguém que não está diariamente no cotidiano do Corinthians: "Você estar presente na rotina do clube facilita muito, é fundamental para que você conquiste a confiança, e não amizade, dos dirigentes" (CAPPELLANES, 2019). Vinicius Bueno trata as oportunidades com mais naturalidade, apesar de ter um pensamento semelhante ao de Cappellanes. Ele considera que, quanto mais repórteres abordarem o mesmo tema, mais difícil é conseguir um furo jornalístico.

Sobre a ideia de imparcialidade própria e de colegas, os repórteres têm posições e contextos distintos. Vinicius Bueno não revela seu time de futebol preferido, mas tem o sonho de falar abertamente qual é o clube para quem torce. Mauro Beting e Juca Kfourri são inspirações para o ensejo; o primeiro é palmeirense declarado e, o segundo corintiano assumido. Apesar disso, os dois são capazes de realizarem análises e críticas sem que torcedores de quaisquer clubes questionem se predileções interferiram ou não no pensamento de ambos. Vinicius evita divulgar seu clube de coração por ser um jovem jornalista e não ter "costas largas", além do medo da onda de intolerância que atinge o País:

Eu sei diferenciar as coisas, mas o cara que está me ouvindo pode não entender isso e hoje você pode ser abordado no metrô, as pessoas podem saber o carro que você anda, então você não sabe. O mundo tá tão louco e há uma intolerância muito grande, fruto das redes sociais, hoje todo mundo tem voz muito ativa, diferente de outros momentos, que só quem tinha o microfone podia atingir muitas pessoas (BUENO, 2019).

Sobre o clubismo, Vinicius analisa os perfis em mídias sociais que fazem a cobertura dos clubes com a paixão escancarada e assume admirar o surgimento de perfis de veículos com segmento nos clubes de futebol.

Eu gosto de saber que as alternativas ganham cada vez mais espaço porque o torcedor gosta de procurar essas mídias alternativas justamente porque ali o assunto é 24 horas o clube do coração, o torcedor gosta desse tipo de conteúdo (BUENO, 2019).

Outrossim, Bueno alerta para que o senso crítico e a responsabilidade jornalística que os veículos tradicionais têm não sejam esquecidos em detrimento de uma paixão futebolística. Na posição de concorrentes, há o aumento da dificuldade de um único repórter ser mensageiro de uma informação exclusiva – já que, “quanto mais gente abordando o mesmo tema, mais difícil é conseguir um furo, tem outras pessoas brigando pela mesma coisa” (BUENO, 2019).

João Paulo Cappellanes, por sua vez, tem seu time de preferência declarado. É o Athletico, do Paraná. Ele relata que isso não lhe causa problemas, até pelo tamanho do clube que, segundo o repórter, ainda não chegou ao patamar de gigante no contexto futebolístico brasileiro. Remando contra a maré, Cappellanes afirma que não esconderia o clube se torcesse para uma equipe de mais renome, inclusive de São Paulo:

Se eu fosse torcedor de algum clube aqui de São Paulo, me conhecendo, provavelmente eu falaria. Sou um cara que não sou de esconder coisas. Acho que as pessoas não revelam o time que torcem porque existe uma intolerância muito grande (CAPPELLANES, 2019).

João Paulo declara que, para ele, não existe nada melhor do que poder assumir seu time de preferência, realizar uma análise sobre uma partida ou algum momento específico e não ser criticado por ter colocado a paixão à frente, tendo a percepção, por parte do torcedor, de que é uma atividade profissional. O jornalista também tem Mauro Beting como exemplo de isenção futebolística, pois comenta os confrontos de forma muito profissional.

Abordando o clubismo dos novos veículos, identificados com os clubes, Cappellanes afirma que este modelo vai na contramão do que ele pensa. A captação de audiência, para o repórter, deve ser feita pela curiosidade do receptor pela informação e não apenas pela paixão que o mesmo sente.

O exemplo "eu posso falar mal da minha casa, mas uma visita fazer isso não dá" coloca em evidência o pensamento do torcedor. Ainda segundo Cappellanes, é preciso diferenciar as linhas editoriais escolhidas: o clubismo, que gera audiência usando a paixão do torcedor e dá certo, ou a credibilidade, a imparcialidade e a análise que as mídias tradicionais praticam ao acompanhar diariamente a rotina dos clubes.

Os repórteres voltam a concordar tratando-se de casos em que dirigentes de futebol dos clubes ou outras fontes ligadas aos times tenham pedido para que informações não fossem publicadas por eles. Ambos entrevistados, antes de qualquer resposta, afirmam que jamais deixariam de publicar algo a pedido de uma fonte ou dirigente.

Os repórteres apenas relataram casos em que lhes fora solicitado que segurassem a divulgação de negociações envolvendo jogadores de outras equipes, tanto para o Palmeiras como para o Corinthians. Vinicius relata que o que aconteceu com ele foi de contatar o dirigente do clube alviverde para confirmar a informação. Por não terem todos os documentos assinados para a concretização da transferência e a divulgação colocá-la em risco, a informação não foi publicada naquele momento.

A importância para os veículos de comunicação de se ter um setorista fixo, para Vinicius, se dá pelo fato de "ter alguém que respire o clube aumenta a possibilidade de fazer uma cobertura mais completa" (BUENO, 2019). No entanto, continua relatando que existe, para o setorista, ônus e bônus: ao mesmo tempo em que se respira muito apenas um clube ou editoria, há dificuldade ao falar ou realizar a cobertura de outros assuntos.

Cappellanes concorda que a função de setorista tenha muito mais benefícios para a emissora que se trabalha que para o repórter. Entretanto, pondera que a atividade seja vantajosa para o próprio repórter, que torna-se especialista no tema que é alvo da cobertura do mesmo.

#### 4.1.3 O VOLUME DE INFORMAÇÃO EXCLUSIVA GERADA PELOS REPÓRTERES JOÃO PAULO CAPPELLANES E VINÍCIUS BUENO EM 2018 E 2019

Repórter setorista fixado na cobertura do Corinthians, João Paulo Cappellanes tem se destacado pela divulgação de informações exclusivas no contexto jornalístico do Estado de São Paulo. A notícia mais recente que Cappellanes divulgou é a da contratação do treinador de futebol Tiago Nunes pelo clube alvinegro. O repórter era o único que tinha posse da mesma, ou ao menos fora o primeiro a publicar.

Após a demissão de Fábio Carille, inúmeras apostas foram feitas sobre o futuro técnico do Corinthians, desde nomes nacionais, empregados ou disponíveis, até treinadores estrangeiros. Após o anúncio da rescisão de contrato de Tiago Nunes por parte do Athletico Paranaense, curiosamente o clube para quem Cappellanes torce, o nome do treinador gaúcho de Santa Maria entrou para o topo da lista das especulações. Foi quando antes mesmo de um anúncio oficial por parte do Corinthians, João Paulo, em seu perfil do Twitter e nos meios da Rádio Bandeirantes, divulgou a informação<sup>6</sup> do acerto entre o clube e o treinador. A notícia de Cappellanes foi publicada mais de 24 horas antes do anúncio oficial do clube<sup>7</sup>.

Outra notícia publicada com exclusividade pelo repórter responsável por cobrir o Corinthians na Rádio Bandeirantes de Porto Alegre foi a contratação do volante Ramiro, que estava atuando pelo Grêmio. João Paulo Cappellanes recebeu a informação durante a primeira semana de dezembro de 2018, que sucederia a conclusão da negociação. Durante a apuração, conseguiu obter o tempo de contrato que seria assinado. Assim que teve a confirmação de todas as informações, o repórter, mais uma vez, as publicou em seu perfil no Twitter<sup>8</sup> e nos meios de comunicação da Rádio Bandeirantes antes do anúncio oficial do clube paulista<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> CAPPELLANES. **INFORMAÇÃO! Acabo de receber que o Tiago Nunes acaba de assinar contrato com o Corinthians! Mais informações em breve....** São Paulo, 06 nov. 2019. Twitter: @capelareal. Disponível em: <https://twitter.com/capelareal/status/1192105116704399360>. Acesso em: 16 nov. 2019.

<sup>7</sup> CORINTHIANS. **A Fiel pede e o estagiário faz um corre pra atender. ELE CHEGOU! Tiago Nunes será o comandante do Timão na temporada 2020!** São Paulo, 07 nov. 2019. Twitter: @corinthians. Disponível em: <https://twitter.com/Corinthians/status/1192532431041118211>. Acesso em: 16 nov. 2019.

<sup>8</sup> CAPPELLANES. **OFICIAL: Ramiro é do Corinthians! Ramiro tem 25 anos e o contrato vai até o fim de 2022!** São Paulo, 06 nov. 2019. Twitter: @capelareal. Disponível em: <https://twitter.com/capelareal/status/1073286157927178240>. Acesso em 16 nov. 2019

<sup>9</sup> CORINTHIANS. **Tem mais reforço na área! Bem-vindo, @RamiroBenetti! O volante assinou contrato com o #Timão até dezembro de 2022! #BemVindoRamiro #VaiCorinthians.** São Paulo, 07 nov. 2019. Twitter: @corinthians. Disponível em: <https://twitter.com/Corinthians/status/1073284315952365568>. Acesso em 16 nov. 2019.

Vinicius Bueno, repórter setorista que cobre exclusivamente o Palmeiras, passou por uma situação inesperada durante a cobertura de uma negociação envolvendo o atacante Alexandre Pato. No retorno mais recente do jogador ao Brasil, dois clubes paulistas estavam dispostos a contratá-lo, São Paulo e Palmeiras. Durante a apuração, foi descoberto que a decisão envolvia apenas o jogador, uma vez que o empresário do jogador estava apalavrado com as duas equipes, mas Pato havia escolhido o tricolor paulista para jogar. Vinicius imediatamente entrou no ar com a informação, antes mesmo de Umberto Ferretti, setorista do São Paulo. Após a entrada, Vinicius publicou em seu perfil do Twitter<sup>10</sup>. No entanto, outros colegas de imprensa, de emissoras concorrentes, já haviam publicado a novidade.

Outra informação obtida por Bueno foi a de que o meia-atacante Ricardo Goulart havia realizado uma artroscopia no joelho direito, muito mais grave do que o comunicado emitido, pois o jogador retirou cerca de 80% do menisco lateral. A divulgação da notícia fez com que o relacionamento entre o repórter, a assessoria de imprensa e o departamento médico do Palmeiras ficasse estremeado. A divulgação desta informação em seu perfil do Twitter<sup>11</sup> em primeira mão foi reconhecida por outros veículos de imprensa especializados em esportes, como o Globoesporte.com<sup>12</sup>, além de gerar enorme repercussão nas interações com o tweet. Três dias após a publicação da notícia, o contrato entre o jogador e o Palmeiras foi rescindido. A passagem do atleta durou 12 partidas pelo alviverde.

#### 4.2 ROTINA DE TRABALHO DE REPÓRTERES DE RÁDIO SETORISTAS MÓVEIS DE CLUBES DA RÁDIO BANDEIRANTES DE PORTO ALEGRE

Nesta etapa serão analisadas as rotinas de trabalho de Marcelo Salzano e Matheus D'Avila, repórteres do Rio Grande do Sul que fazem parte do Grupo

---

<sup>10</sup> BUENO. **Fim da novela! Alexandre Pato rejeitou proposta do Palmeiras e será jogador do São Paulo**. São Paulo, 27 mar. 2019. Twitter: @buenoreporter. Disponível em: <https://twitter.com/buenoreporter/status/1110973459767668738>. Acesso em: 16 nov. 2019.

<sup>11</sup> BUENO. **Atenção: acabei de confirmar que a última artroscopia do Ricardo Goulart foi muito mais grave do que se imaginava**. São Paulo, 20 mai. 2019. Twitter: @buenoreporter. Disponível em: <https://twitter.com/buenoreporter/status/1130617589628100608>. Acesso em: 16 nov. 2019.

<sup>12</sup> GLOBOESPORTE.COM. **Palmeiras detalha recuperação de Ricardo Goulart após cirurgia no joelho direito**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/palmeiras-detalha-recuperacao-de-ricardo-goulart-apos-cirurgia-no-joelho-direito.ghtml>. Acesso em 20 mai. 2019.

Bandeirantes de Comunicação. O subcapítulo contará com as percepções do autor sobre a cobertura realizada pelos profissionais.

#### A rotina de trabalho de Matheus D'Avila

Segunda-feira, 11 de novembro de 2019, após a 32ª rodada do Campeonato Brasileiro. É dia de acompanhar a rotina do repórter setorista Matheus D'Avila, da Rádio Bandeirantes de Porto Alegre. Não há treinamentos ou atendimento à imprensa por parte do Grêmio, time que o repórter fora escalado para cobrir na data. A folga era ocasionada por ser apenas um dia após a partida fora de casa contra a Chapecoense, no oeste catarinense, que resultou em vitória tricolor por 1x0. Após a vexatória goleada por 5x0 sofrida para o Flamengo na partida de volta das semifinais da Copa Libertadores da América, o momento do clube era favorável. Enquanto se esperava uma crise no tricolor, o trabalho feito dentro das quatro linhas mostrou que a eliminação foi superada.

Matheus relata que não existe uma obrigação por parte da emissora para que ele tenha que sair de sua casa e passar na sede do veículo antes de cobrir os treinamentos, mas expõe que às vezes tem a necessidade do deslocamento até o endereço da empresa por questões de logística e, especialmente, por mobilidade: “Por exemplo, moro perto do CT do Inter, seria mais fácil eu sair de casa e ir para o CT que vir para a Band. Se for cobrir o Grêmio, é mais conveniente vir até a Band” (D'ÁVILA, 2019). Nos dias em que está escalado para trabalhar no período da manhã, D'Avila chega na emissora às 09h00 e inicia seu processo de apuração e produção. Caso o clube designado para ele realize treinos neste turno, acontece o deslocamento para o Centro de Treinamento e a cobertura do treino – quando permitida. Depois, é o momento de acompanhar a entrevista coletiva e entrar nos meios de disseminação da Bandeirantes do Rio Grande do Sul. Isso acontece no princípio do *Toque de Bola*, debate esportivo apresentado por Alex Bagé, ao ar das 11h30min às 13h30min na Rádio Bandeirantes, por meio de um boletim informativo com as informações do clube que se está cobrindo, ou no *Donos da Bola*, noticiário esportivo apresentado por Gabriel Corrêa que vai ao ar das 12h30min às 13h30min na Band TV, com entradas ao vivo ou matérias produzidas no dia anterior ou no próprio dia da transmissão.

Quando o trabalho de Matheus D'Avila é pela tarde, o trabalho inicia-se pela manhã, conforme relata o repórter. Seu horário de entrada é às 15h00, mas já perto do meio-dia ele recebe sua pauta para a TV e começa a projetá-la. A pauta, geralmente, se refere ao clube que Matheus está cobrindo e, por isso, serve como embasamento para o que o repórter irá noticiar na Rádio.

Os compromissos da tarde que a reportagem esportiva da Bandeirantes tem são a gravação e transmissão de um boletim informativo para o *Tempo Real*, noticiário geral apresentado por Oziris Marins, a participação integral com inúmeros boletins informativos no *Band Esporte Show*, noticiário esportivo apresentado por Sérgio Boaz, a produção e edição de matéria para o *Band Cidade*, noticiário geral apresentado por Sérgio Stock, e para o *Donos da Bola*. Também, a gravação de um boletim informativo para o *Jornal Gente*, primeiro programa a ser transmitido no dia seguinte, contextualizando o momento do clube que foi alvo da cobertura no dia.

Diferentemente da situação dos repórteres acompanhados da Bandeirantes de São Paulo, os repórteres setoristas esportivos da Bandeirantes do RS realizam, simultaneamente, trabalhos para a Rádio Bandeirantes e para a Band TV. Por essa razão, Matheus relata que sua rotina na Band, por “orientação e doutrina da empresa”, prioriza a televisão, o que faz com que se sinta afetado:

Como eu foco muito na TV na arrancada (do período de trabalho), eu me sinto muito prejudicado em relação à concorrência. Eu cuido pela Internet, busco escutar para saber se deram algo, até porque a gente abre bem depois, né, uma hora depois da Rádio Guaíba, por exemplo. Então, eu tento cuidar para não ser furado nesse sentido. (...) Meu processo de apuração, na rádio, acaba sendo bem menor. Eu teria três horas antes de começar o programa. Se eu fosse só de rádio, acabaria reduzindo isso para uma hora, uma hora e meia (D'ÁVILA, 2019).

Caso houvesse treinamento do Grêmio, clube que Matheus estava escalado para cobrir no dia que sua rotina foi acompanhada, o repórter iria retirar o equipamento necessário para que pudesse entrar no ar na Rádio Bandeirantes: um telefone celular com o *software* Tieline instalado e um microfone com adaptador para o telefone. Ocorreria o deslocamento da sede da Bandeirantes até o CT Luiz Carvalho por volta das 15h30min.

Chegando ao Centro de Treinamento com a atividade em andamento, D'Avila iria até a área reservada à reportagem setorista, um espaço anexo ao gramado e,

enquanto isso, faria gravações com um cinegrafista ou um tripé instalado por ele mesmo. Após o fim dos trabalhos no gramado, D'Ávila entraria ao vivo, via Internet, pelo telefone da emissora, no *Tempo Real*, dando informações em um boletim sobre o treinamento que havia acompanhado. Depois, há momento da entrevista coletiva, em que duas opções são possíveis para que o som da coletiva seja captado: ou a gravação no gravador de voz do telefone da empresa, ou a transmissão pelo Tieline, que corre riscos de oscilação de Internet e queda de sinal.

A partir do instante em que a entrevista coletiva é encerrada, Matheus encaminharia a gravação em áudio feita à produção do núcleo de esportes da Bandeirantes, junto de uma manchete e um boletim com primeiras informações para que a abertura do *Band Esporte Show* não seja prejudicada. Assim, retornaria à sede da Bandeirantes. Durante o trajeto, caso demorasse por complicações no trânsito, seria realizada uma nova conexão via Internet. Caso não fosse necessária a conexão, a próxima entrada do repórter seria no estúdio principal da Rádio Bandeirantes, durante o programa. Ao entregar o cartão de memória utilizado no dia, urgentemente seriam editadas as imagens e utilizadas no *Band Cidade*. A matéria para o *Donos da Bola* seria, enfim, finalizada.

Em um dado momento, a gente tem o conflito de estar ao vivo para a rádio e preparar o material do dia seguinte para a TV. Então, se eu não administrar bem, o tempo meu ponto (horário) pode estourar. Vira uma obrigação. Se não, eu acabo prejudicando a rádio quando ela estiver ao vivo (D'ÁVILA, 2019).

Passado o programa ao vivo, que exige muitas participações do repórter, as circunstâncias fazem com que Matheus corra contra o tempo. Ele deve cumprir com o seu compromisso com as matérias do dia seguinte para a televisão e a gravação do último boletim do dia, para o *Jornal Gente* do próximo dia.

#### A rotina de Marcelo Salzano

Marcelo Salzano, repórter setorista esportivo da Rádio Bandeirantes de Porto Alegre, teve sua rotina da terça-feira, dia 12 de novembro de 2019 acompanhada. O jornalista estava escalado, assim como no dia anterior, para realizar a cobertura do Internacional. O momento do clube não é favorável, apesar do resultado positivo na partida mais recente, uma vitória por 2x1 contra o Fluminense no Estádio Beira-Rio. O clube ainda sofre com a perda da Copa do Brasil em casa para o Athletico

Paranaense e com a demissão do técnico Odair Hellmann, decisão tomada restando menos de 15 partidas para o encerramento do Campeonato Brasileiro. Protestos realizados por torcidas organizadas tornaram-se constantes nos treinamentos, geralmente nas partidas em casa. O trabalho dos jogadores segue, ao passo que indefinição segue quanto ao treinador que irá comandar o colorado no ano de 2020.

Salzano abraça a fala de Matheus D'Avila ao declarar que não há imposição para que o repórter setorista saia de sua casa e, obrigatoriamente, dirija-se à sede da Bandeirantes antes de iniciar o deslocamento até os Centros de Treinamento de Grêmio e Internacional. Simplesmente relata que o faz para adiantar seu material para as produções que realiza para a Band TV, e para retirar equipamentos que são necessários para a cobertura do treino e registro de imagens, como um telefone celular pertencente à emissora, para gravar o áudio da entrevista coletiva e capturar imagens em detrimento da matéria, um tripé para posicionar o aparelho celular e um microfone para a gravação própria.

O treinamento do Internacional, marcado para às 15h30min, não obriga o repórter a chegar antes de seu horário previsto pela escala, que é às 15h00. Há tempo hábil para dar início ao seu material de apuração, sair da emissora e chegar ao CT Parque Gigante, onde o colorado costuma realizar suas atividades e conceder entrevistas coletivas, realizadas na sala de imprensa da propriedade alvirrubra. A título de informação, por vezes, o próprio Estádio Beira-Rio é utilizado para as práticas. Conforme o protocolo feito em conjunto pelos departamentos de futebol e comunicação do Internacional, as entrevistas coletivas são realizadas após as atividades praticadas pelos atletas, exceto em casos extraordinários, em que a ordem é alterada.

Logo que chega ao Centro de Treinamento, Marcelo caminha por pouco mais de 100 metros e posiciona-se ao lado do contêiner adaptado para receber os profissionais da imprensa. É desta forma que os profissionais observam a atividade comandada por Zé Ricardo, o recém-chegado treinador que veio a Porto Alegre com prazo de validade: o técnico tem contrato válido até o final do ano e será substituído pelo argentino Eduardo Coudet, segundo informações do próprio repórter Marcelo Salzano. Durante a atividade, o setorista registra imagens dos jogadores e também próprias, com um telefone e um tripé da Bandeirantes, para as matérias de televisão.

Passado o período do treinamento, pouco mais de uma hora de atividade, os jogadores e a comissão técnica deixam o gramado do CT para irem aos vestiários. Os repórteres deixam sua área reservada e se dirigem à sala de imprensa, onde aguardam as instruções da assessoria de imprensa do clube. Passado algum tempo, período necessário para que o atleta escolhido possa aprontar-se, chega para conceder a entrevista coletiva o volante Edenílson, um dos pilares da equipe colorada. O contexto pede vozes fortes e de influência, afinal, torcidas organizadas e a diretoria do clube encontram-se em rota de colisão. Em pouco mais de cinco minutos, é encerrada tanto a entrevista quanto o trabalho de Marcelo no Centro de Treinamento colorado. É o momento de gravar um boletim informativo para o *Tempo Real* e realizar um rápido deslocamento para chegar a tempo de participar do *Band Esporte Show*, neste diretamente do estúdio principal da Rádio Bandeirantes.

Uma vez na sede da emissora, Marcelo consegue dar as manchetes e fazer seu primeiro boletim ao vivo. Logo se ausenta do estúdio e vai para a redação integrada, pois precisa fechar o texto de uma das suas matérias para a televisão. Mas deixa o alerta ao produtor do programa: a qualquer momento, pode ser chamado para que faça mais entradas no noticiário esportivo.

Às vezes, na rádio, a gente não tem como aprofundar questões que são mais importantes, mas a prática recorrente e com a rotina que se acaba criando, eu consigo me programar e, de certa forma, desempenhar bem as duas funções, tanto de fazer a cobertura para a rádio e fechar as matérias de TV para a "rede"(São Paulo) e para o Donos da Bola (SALZANO, 2019).

As idas e vindas ocorrem durante a primeira hora do programa. Marcelo concluindo suas pendências com as matérias da televisão fixa-se no estúdio da Rádio Bandeirantes, onde fica e participa, na segunda hora, até o final do programa.

Diferente da rotina de trabalho do colega Matheus D'Ávila, Marcelo Salzano produz e apresenta um programa de entrevistas relacionadas ao mundo do futebol, o *Bandeirantes Futebol Clube*, que vai ao ar nos sábados, das 17h00 às 19h00, em que grava e edita entrevistas sempre após suas obrigações diárias. Por capricho e cuidado, Salzano prefere editar seus materiais, dispensando o trabalho da Central Técnica.

Após a edição e gravação das entrevistas, o repórter cumpre seu último compromisso com a Bandeirantes: a gravação de um boletim informativo para o

*Jornal Gente*, primeiro programa local a ser transmitido na manhã do dia seguinte, contextualizando os acontecimentos da data vigente e projetando as atividades do próximo dia.

#### 4.2.1 O QUE DIZEM OS REPÓRTERES

Colegas que dividem a cobertura diária entre Grêmio e Internacional, Marcelo Salzano e Matheus D'Avila concordam quando relatam que preferem o modelo de setor esportivo móvel por este ampliar seus conhecimentos sobre ambos os clubes.

D'Avila relata que há uma vantagem no modelo. Por ele “ter o conhecimento macro de tudo, tu conhece (*sic*) todas as pessoas, conhece (*sic*) todas as pautas. Querendo ou não, a gente não perde muita coisa, se não está em um, e se está em outro clube” (D'ÁVILA, 2019). Marcelo Salzano considera não ser ruim o trabalho de um setorista fixo. Entretanto, revela sua opinião sobre os modelos de setorização esportiva: “Eu, particularmente, não optaria por esse modelo (de setorista fixo), até porque acho que é legal ter informação tanto do Inter quanto do Grêmio” (SALZANO, 2019).

Marcelo enxerga benefícios no modelo de cobertura móvel, pois, segundo o repórter, as chances de se conseguir uma notícia exclusiva aumentam uma vez que se cobre dois clubes e não apenas um, como no modelo de setorista fixo. Matheus, por sua vez, imagina que ocupar um cargo de cobertura fixa em um clube possa gerar níveis mais completos do acompanhamento, alertando que o modelo facilita o trabalho, mesmo perdendo a visão e o contexto de outro tema.

Quanto à relação dos repórteres com os dirigentes e fontes ligadas aos clubes de Porto Alegre, ambos setoristas relatam ter bom relacionamento com personagens dos dois times de futebol, desde a presidência até funcionários de baixo escalão, sem cargos políticos. Matheus relata que o contato acaba sendo o mesmo com dirigentes dos dois clubes, sem prejuízos de perder informação ou “ser esquecido”. O repórter afirma que a relação entre o jornalista e a fonte deve ser de confiança e credibilidade, e nunca de amizade. Marcelo Salzano compactua com esse pensamento.

O contato entre repórter e dirigente se dá, regularmente, por telefone, seja por ligações ou mensagens de texto via WhatsApp ou Twitter. Salzano relata que o contato presencial é difícil no cotidiano, porque “é raro encontrar dirigentes dos clubes nos treinamentos, é mais comum que os encontremos nos estádios, nos dias de jogo” (SALZANO, 2019). Matheus sinaliza que o contato por telefone deve ser feito após um primeiro contato pessoalmente.

Isso é feito depois do primeiro passo, né, tu cria (*sic*) a relação te apresentando, ele sabendo quem tu é (*sic*), não uma simples foto de perfil. Ele olhando no teu olho, conhecendo mais sobre o que tu pensa (*sic*), não sobre o clube, mas o ambiente e todo o contexto. Depois que tu estabelece (*sic*) uma intimidade, fica mais fácil de trocar mensagens e marcar território (D'AVILA, 2019).

Exemplificando a estranheza de encontrar e ter contato com um dirigente de futebol no dia a dia do clube, Marcelo Salzano relata um episódio importante: a demissão de Valdir Espinosa, técnico campeão do mundo pelo Grêmio e coordenador técnico do Grêmio até 2017. Pouco antes da conquista do tricampeonato da Copa da Libertadores da América, Espinosa foi comunicado de sua saída.

Um exemplo é o dia em que Valdir Espinosa, técnico campeão do mundo pelo Grêmio, foi demitido do clube. Eu era o único repórter ao vivo no CT do Grêmio, estava com outros colegas na área reservada aos repórteres, ele chegou até a gente e começou a falar que estava sendo demitido, ninguém esperava isso porque não é comum, é raro a gente encontrá-los no CT (SALZANO, 2019).

Salzano completa falando que, pelos compromissos com a televisão, o contato fica mais difícil, mesmo que por telefone. O tempo disponível é pouco, mas sempre é possível fazer um esforço para conseguir o que é desejado. D'Avila acrescenta que “as pessoas do outro lado precisam te conhecer da mesma forma que tu as conhece. É aquele ditado, né, quem não é visto não é lembrado” (D'ÁVILA, 2019). Para encontrar um dirigente num dos centros de treinamento, ele brinca que é preciso fazer uma espécie de plantão.

A facilitação da obtenção de informações exclusivas referentes aos clubes acontece por meio da relação direta que se tem com os dirigentes e fontes dentro dos clubes. Marcelo Salzano é direto ao dizer que a apuração é melhor quando se tem uma relação mais próxima com os elementos que fazem parte do contexto dos clubes. Não obstante, Matheus D'Avila é mais aberto, relatando que uma abordagem

intimista é “a maneira mais eficaz e ideal para se conseguir uma informação, mas como muitas vezes não dá ou a própria fonte prefere passar por mensagem, que aí se esconde atrás de um celular, ninguém está vendo” (D'AVILA, 2019). Em nossa conversa, ele problematiza como a ausência de observação quanto ao tom de voz do emissor da informação e a falta do “olho no ‘olho” para compreender a intenção da mensagem.

Sobre pedidos de não publicação de informações por parte de fontes e dirigentes, D'Avila relata os episódios envolvendo negociações entre clubes e jogadores, casos em que, em sintonia com a reportagem da Rádio Bandeirantes de São Paulo, pelas negociações estarem em andamento, a publicação poderia prejudicar a transação que ainda não havia sido concretizada.

Eu tenho para mim, uma linha editorial minha: se não aconteceu, não tá (*sic*) oficializado. Não que o clube precise oficializar, mas se o documento não tá (*sic*) assinado, o fato ainda não está concretizado. A notícia é quando o fato está concretizado, então, eu esperei. Eu lembro de uma ocasião que eu perdi a notícia e lembro de mais situações que eu dei a notícia (D'ÁVILA, 2019).

Salzano conta que nunca passou por uma situação dessas e, caso passasse, não acataria ao pedido. O máximo que o repórter faz é preservar o nome da fonte quanto a mesma lhe requisita. Matheus recorda um caso em que, para que a confiança entre as partes fosse mantida, segurou a informação e achou que fosse o correto a se fazer no momento. Há um jogo de interesses permeado em seu juízo de valor: um dirigente precisa do repórter e o repórter precisa do dirigente.

Quando os pedidos são opostos, para que seja publicada uma informação, os repórteres têm posições fortes. Marcelo Salzano continua afirmando que nunca aconteceu e não faria, exemplificando uma situação recente:

Na véspera do jogo do Inter contra o CSA, em Alagoas, eu tinha a informação que o Inter não continuaria com Odair Hellmann em 2020, e que já analisava outros nomes para a temporada. Uma pessoa me ligou dizendo que não sabia de onde eu havia tirado essa informação, e que o Odair era o técnico do Inter, que haveria jogo no dia seguinte, ordenando que eu dissesse que não existia a possibilidade dele sair. O que eu fiz foi dizer que o clube negava a saída, até porque eu tinha a informação. Cerca de 48 horas depois, foi anunciada a saída do treinador. Eu estava certo (SALZANO, 2019).

Matheus D'Avila, por sua vez, relata que nunca aconteceu de pedirem para que ele publicasse algo, e que invariavelmente faz uma análise sobre a intenção das pessoas por trás da informação. Matheus entende que os empresários têm interesse no lucro e, por isso, necessitam de mídias e divulgação, o que pode ser encontrado nos veículos de comunicação. Além disso, relata que “a linha é muito tênue (em) entre tu receber (*sic*) a informação e ela ser verdadeira, e (em) tu receber (*sic*) a informação e ela ser interesseira. Vai do repórter fazer esse filtro e saber se quer vincular seu nome a isso ou não” (D'ÁVILA, 2019).

Concordantes sobre a utilização do repórter em mais de uma plataforma, os setoristas relatam que nos dias atuais enxergam com normalidade ter que desempenhar mais de uma função, apesar de não considerarem o ideal. Marcelo Salzano fala que consegue, sem dificuldades, lidar bem com as situações que as três plataformas que ele produz material: Rádio Bandeirantes, Band TV e sua própria conta no Twitter, na qual publica registros, por vezes com imagens, para que seus seguidores possam saber o contexto do clube que se interessam.

D'Avila contrasta o testemunho de Salzano. Ele abandonou o uso do Twitter por ser uma função que toma mais parte do tempo e acaba se tornando um veículo próprio, o que não é o desejo do repórter. Matheus D'Avila ainda faz uma análise sobre o modelo de cobertura que faz, englobando a Rádio Bandeirantes e a Band TV.

Dá para fazer TV e rádio, mas o tempo é muito curto e a qualidade do trabalho não vai ser a mesma. O trabalho de quem faz duas ou três coisas ao mesmo tempo vai ser bem macro. Talvez acabe sendo aprofundado em um dos veículos, pela necessidade e pelo foco, mas, no outro, o cobertor é curto (D'ÁVILA, 2019).

Assim como Vinicius Bueno, de São Paulo, os repórteres Marcelo Salzano e Matheus D'Avila não têm seu time de preferência declarado para o público geral. A razão, para os dois, é de ser uma cultura no estado, além de não enxergarem necessidade para desempenharem suas coberturas esportivas. D'Avila comenta que não revela porque não há “necessidade. Acho que não agrega nada, só satisfaz a curiosidade que as pessoas têm. Para o meu trabalho, eu ser colorado ou gremista não faz a menor diferença” (D'ÁVILA, 2019). Consequentemente, o jornalista coloca sua profissionalidade acima de qualquer preferência clubística. Salzano, no que lhe concerne, considera que a revelação dos clubes por parte dos jornalistas não seja

um bom caminho e que prefere a isenção, que nunca o atrapalhou a executar sua função.

Os repórteres voltam a concordar quando consideram o papel do repórter setorista, para o veículo de comunicação, fundamental. Salzano tem a visão do setorista como representante da emissora onde quer que vá realizar a cobertura. Ele funcionaria como uma forma de angariar ouvintes, este tendo a certeza de que sempre haverá um repórter acompanhando o clube que se tem interesse.

Matheus vai além, considerando que um veículo que aborda esportes deve, obrigatoriamente, ter setoristas, por ser a função que alimenta os debates da casa, pauta a programação da emissora e marca o nome da mesma. Para o mesmo, “quando o torcedor escuta uma pergunta, é porque tinha um setorista lá, fazendo isso. De todas as funções, talvez não seja a mais nobre e reconhecida, mas é uma das mais importantes” (D’ÁVILA, 2019). É importante marcar posição e ser visto, segundo os repórteres setoristas.

Sobre a crescente utilização do termo "jornalista sentado" (Neveu, 2006), Marcelo Salzano considera ele que seja negativo tanto para os jornalistas quanto para os veículos, por ser uma tradição das emissoras de rádio esportivo que foi rompida: até poucos anos, as grandes emissoras de rádio de Porto Alegre enviavam repórteres para partidas fora do Rio Grande do Sul. Em meio a contenção de gastos, algumas começaram a escolher jogos, geralmente decisões, para que tivessem a presença do repórter *in loco*: “Eu sei das dificuldades financeiras, é uma crise grande, mas eu considero que o rádio precise voltar a viajar, além de tirar as empresas das zonas de conforto” (SALZANO, 2019). O jornalista passou a exercer essa função, exclusivamente em viagens para jogos fora de Porto Alegre, a contragosto, e espera que o cenário mude a longo prazo. Matheus D’Avila confirma a prática.

É muito mais difícil, porque a gente fala da necessidade do contato, para buscar informação, e estando próximo ao clube se tem o ambiente, além do contato pessoal, e isso (relatar o ambiente não estando no local) nunca vai ser feito. O ambiente diz muito (D’ÁVILA, 2019).

D'Avila depreende que esta situação não depende do repórter, mas, sim, da emissora, por razões estritamente comerciais e financeiras. Assim como Marcelo Salzano, o seu acompanhamento deixou de ser frequente.

#### 4.1.3 O VOLUME DE INFORMAÇÃO EXCLUSIVA GERADA PELOS REPÓRTERES MARCELO SALZANO E MATHEUS D'AVILA EM 2018 E 2019

No que tange a obtenção de informações exclusivas por parte dos setoristas móveis da Rádio Bandeirantes de Porto Alegre, Marcelo Salzano destaca-se por divulgar em primeira mão as duas últimas grandes contratações do Internacional. A mais antiga, em 8 de agosto de 2018, quando, ao vivo no *Band Esporte Show* e em seu perfil no Twitter<sup>13</sup>, anunciou a contratação do centroavante peruano Paolo Guerrero, que estava no Flamengo e cumpria suspensão por ter sido pego em um exame antidoping quando atuava por sua seleção nacional. A divulgação oficial, por parte do Internacional, foi feita em seu site<sup>14</sup> quatro dias após, em 12 de agosto de 2018. A revelação ratificou a informação que o repórter havia recebido, apurado e confirmado.

Outro caso de publicação de informação exclusiva do repórter, não anunciada oficialmente pelo Internacional, é a contratação do treinador argentino Eduardo Coudet, atualmente no Racing. Por razões de calendário com o clube argentino – o ele ainda disputará a Supercopa Argentina e o Campeonato Brasileiro acaba somente no último mês do ano –, Coudet não teve sua oficialização anunciada pelo Internacional. A informação, divulgada na Rádio Bandeirantes e publicada no perfil pessoal de Marcelo no dia 15 de outubro<sup>15</sup>, teve desdobramentos. Houve uma

---

<sup>13</sup>SALZANO. **#Inter | ATENÇÃO: Paolo Guerrero é o novo atacante do Inter**. Porto Alegre, 8 ago. 2018. Twitter: @marcelosalzano. Disponível em: <https://twitter.com/marcelosalzano/status/1027299035856756738>. Acesso em 16 nov, 2019

<sup>14</sup>INTERNACIONAL. **Inter contrata atacante Paolo Guerrero**. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/home#inter-contrata-atacante-paolo-guerrero!43613>. Acesso em: 16 nov. 2019.

<sup>15</sup>SALZANO. **#Inter | ATENÇÃO: Eduardo Coudet é o novo técnico do Inter**. Porto Alegre, 15 out. 2019. Twitter: @marcelosalzano. Disponível em: <https://twitter.com/marcelosalzano/status/1184184887424815104>. Acesso em: 16 nov.2019

resposta, em entrevista coletiva, do zagueiro argentino Victor Cuesta, quando perguntado sobre o estilo de jogo que Eduardo Coudet adota<sup>16</sup>.

Sendo um repórter setorista móvel, Marcelo Salzano teve sucesso em divulgar o resultado do julgamento dos incidentes na partida de volta das semifinais da Copa Libertadores da América entre Grêmio e River Plate, na Arena do Grêmio. No episódio, o técnico do clube argentino estava punido pela Conmebol e não poderia comandar sua equipe ou estar presente nos ambientes reservados às equipes na Arena. Porém, fez uso de um rádio para repassar orientações a seu auxiliar técnico, que o substituiu à beira do campo, além de, no intervalo da partida, descer dos camarotes para o vestiário, atitude proibida pela entidade que comanda o futebol na América do Sul. Ao tomar conhecimento dos fatos, o Grêmio entrou com pedido de análise dos acontecimentos e punição ao clube argentino, o que não ocorreu. Em contato com o advogado do Grêmio, Leonardo Lamachia, presente no julgamento na sede da Conmebol, em Luque, Paraguai, o repórter conseguiu a informação em primeira mão que o pedido de perda dos três pontos da partida, não havia sido acatado, apenas uma multa de U\$50 mil

Em meio às constantes transformações do mercado da bola, Matheus D'Ávila esteve em uma situação controversa em março de 2018. Foi durante uma negociação envolvendo o Grêmio, o Sport Club do Recife e os representantes do atacante André Felipe. Em dado momento das conversas, para que o clube gaúcho pudesse adquirir os direitos econômicos e federativos do jogador, o tricolor abriu mão da negociação, fato que foi noticiado pelo repórter setorista<sup>17</sup>. O que não se esperava era uma reviravolta no tema, anteriormente dado como encerrado. Os clubes gaúcho e pernambucano retomaram os contatos por um desejo do atleta de deixar o Nordeste. Eles conseguiram entrar em consonância para realizar a transferência, que fora divulgada por Matheus<sup>18</sup> uma semana antes do anúncio oficial por parte do Grêmio<sup>19</sup>.

---

<sup>16</sup>ESPORTEBANDRS. [Victor Cuesta dá indício de confirmação com Eduardo Coudet]. Porto Alegre, 13 nov. 2019. Twitter: @EsporteBandRS. Disponível em: <https://twitter.com/EsporteBandRS/status/1194725895182917637>. Acesso em 16 nov. 2019.

<sup>17</sup>D'ÁVILA. Grêmio ACABA de comunicar aos empresários de André que desiste oficialmente da negociação. Porto Alegre, 23 fev. 2018. Twitter: @davilamatheus. Disponível em: <https://twitter.com/davilamatheus/status/967187242673426432>. Acesso em: 16 nov. 2019

<sup>18</sup>D'ÁVILA. Grêmio e Sport chegaram a um acordo. Logo mais, direções devem oficializar a transação. Porto Alegre, 16 mar. 2018. Twitter: @davilamatheus. Disponível em: <https://twitter.com/davilamatheus/status/974704161509052418>. Acesso em: 16 nov. 2019.

### 4.3 AS INFERÊNCIAS

O que emerge dos depoimentos feitos pelos quatro repórteres setoristas é a sensação de que a divulgação ou não de informações exclusivas não tem relação com o modelo de cobertura esportiva, seja com repórteres setoristas fixos, como na Rádio Bandeirantes de São Paulo, ou com repórteres setoristas móveis, como na Rádio Bandeirantes de Porto Alegre, mas, sim, com a capacidade do jornalista de transitar entre as possíveis fontes e obter êxito na situação em que se encontra. Os quatro profissionais acompanhados viveram episódios de publicação exclusiva de informações antes e durante o período de análise, o que demonstra a indiferença quanto o formato adotado pelas emissoras do mesmo grupo de comunicação, reforçado apenas a habilidade de cada repórter setorista.

Ademais, cabe evidenciar que as dificuldades relatadas pelos jornalistas em nada são acarretadas por realizarem unicamente o acompanhamento de uma equipe de futebol. A sobrecarga que sofrem deve ser culpabilizada, visto que desenvolvem mais de uma função: a principal, como repórteres de rádio, e as secundárias na rádio, como apresentar programas durante a programação do final de semana. Os repórteres ainda exercem outras atividades, como reportagens na televisão, gerar material para as redes sociais do veículo e próprias e participações em programas de outras emissoras, desde que não sejam as concorrentes diretas, relatando informações do cotidiano dos clubes ou participando de debates esportivos. A multifuncionalidade do repórter satisfaz a emissora em que se trabalha, mas prejudica o trabalho do setorista. A especialização ou o foco em uma plataforma faz com que outras sejam afetadas em prol da primeira.

No que se refere ao relacionamento dos repórteres com os dirigentes e com as suas fontes, o posicionamento dos quatro jornalistas entrevistados e acompanhados é convergente: um vínculo de confiança baseado na credibilidade, mas não de amizade. Segundo os profissionais, não se pode “misturar as coisas”. Quanto aos pedidos de publicação ou não de informações, a posição foi, novamente, comum aos quatro: jamais acatar a uma solicitação desta natureza, pois a informação é mais importante do que tudo. Habituais nas falas dos repórteres foram

---

<sup>19</sup> GRÊMIO. **André assina com o Grêmio**. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://gremio.net/noticias/detalhes/21328/andre-assina-com-o-gremio>. Acesso em: 16 nov. 2019

os exemplos de "segurar uma informação" somente com o intuito de não atrapalhar uma negociação entre clubes, atletas e empresários, nunca de favorecê-los.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que o presente trabalho de conclusão obteve êxito em seu objetivo de discutir as semelhanças, diferenças e características existentes no trabalho dos repórteres esportivos setoristas fixos e móveis, ainda que esteja longe de esgotar a análise a partir do escopo selecionado. A importância deste trabalho se dá quando percebe-se a necessidade de encontrar um padrão referente ao embasamento crítico e moral dos repórteres setoristas. Ao lidarem com situações do dia a dia em clubes de futebol, tais jornalistas estão propensos a presenciarem embates desnecessários entre a imprensa e instituição, protestos dentro e fora do clube, além de dilemas éticos específicos para um comunicador.

Na atuação do repórter esportivo, a tendência é que não mais se divida os cargos entre repórter de rádio, repórter de televisão ou repórter de qualquer portal on-line. Logo, um profissional terá de gozar da capacidade de render para todas as diferentes plataformas do veículo em que se trabalha. A desafiadora missão de comandar uma jornada esportiva apenas com o narrador, como conta Soares (1994), não existe mais. A evolução das emissoras de imprensa e dos equipamentos eletrônicos permite que mais de seis profissionais estejam envolvidos nas transmissões esportivas, o que não era imaginado nos anos 1920, quando houve as primeiras irradiações esportivas de rádio no Brasil. Irradiações, conforme Parada (2000), não fazem parte do trabalho do repórter e, sim, o que o profissional faz com seu registro de voz, o agrupamento de informações para que a notícia seja formada.

O trabalho do repórter pode e acumula funções, mas a maior delas, segundo Chantler e Harris (1998), é a de absorção e transmissão de informações. Aumentar a gama de conhecimento nunca é pouco, principalmente quando o tema da cobertura envolve sentimentos intensos como a paixão dos torcedores. Calma e atenção durante a apuração e construção da notícia são essenciais, de acordo com Barbeiro e Rangel (2015), e não poderia ser diferente: a rotina mais regrada que a reportagem esportiva tem, aliada à proximidade diária com fontes e dirigentes dos clubes, poderia fazer com que as relações se misturassem, ocasionando em omissão de informações para manter as ligações. Em nossa análise, isso não aconteceu, e tampouco foi recomendado por autores e gestores de núcleos esportivos dentro das emissoras, como relatam, novamente, Barbeiro e Rangel

(2015). A especialização citada por Cardoso (2018) de fato ocorre e no esporte, principalmente, é mais utilizada nas atuais configurações de veículos de comunicação.

Quanto à especialização, Fernandes (2017) afirma que existem quatro peculiaridades fundamentais para o trabalho, que foram observadas durante as observações feitas com os repórteres setoristas: o foco, o aprofundamento, a linguagem diferenciada e a especialização própria do profissional. O jornalismo especializado deve fazer a mediação entre o saber especializado e o público das notícias, como relata Tavares (2009), e isso é cumprido à risca.

O desinteresse da população pelo debate tem aumentado. A polarização da sociedade, motivada por razões políticas, expõe temas e opiniões ordinárias. A setorização, para Abiahy (2000), está interligada ao progresso das tecnologias e à formação de comunidades consumidoras de temas cada vez mais distintos. É crescente, assim, o número de veículos alternativos, com foco exclusivo em temas particulares, e maior ainda é a aceitação por uma parte do público que anseia por opiniões similares às suas. A especialização, porém, não impõe a obrigação ao jornalista de buscar uma segunda formação acadêmica para que os conteúdos sejam produzidos, como explica Lage (2001).

A reportagem esportiva, atualmente, não tem tanta liberdade na produção de conteúdo exclusivo, com personagens dos clubes, como tinha no início dos anos 2000. Pronunciamentos de personagens ligadas aos clubes de futebol são feitos, majoritariamente, em entrevistas coletivas e tornam-se o único material que a reportagem tem para basear seu trabalho. Raramente se vê algum diferencial no trabalho dos repórteres esportivos, como uma entrevista exclusiva realizada nos Centros de Treinamento ou na sede das emissoras. Abreu (2014) traz um contraste à realidade: o autor considera que é preciso que a reportagem sempre tenha seus pedidos atendidos, sem levar em conta o tema a ser abordado.

A objetividade jornalística é interpretada de diferentes maneiras. Amaral (1996) difere os pensamentos de realistas e pragmatistas: para os primeiros, a verdade deve ser interpretada como a correspondência com a realidade, tornando-se objetividade, enquanto, para os pragmatistas, a verdade é o que tem, por alguma razão, vantagem para crer, o que é a subjetividade. Henriques (2016) isola o

acontecimento dos fatos, interpretando-o como autônomo, independente e anterior aos jornalistas. É no processo de construção e produção da notícia onde a interpretação é feita pelo profissional, que o fato é transformado em notícia. Tuchman (1999) alerta que, ao serem realizados todos os procedimentos de apuração, as possibilidades de interferência subjetiva são minimizadas. Amaral (1996) data para o século XIX a incorporação do conceito de objetividade no jornalismo, até porque não havia preocupação de editores e leitores quanto à parcialidade expressa na imprensa até a primeira metade do século, uma vez que a mesma era político-partidária. O autor relata que foram quatro os acontecimentos principais que contribuíram para que a adoção do princípio da objetividade fosse adotada: o advento das agências de notícias, as duas guerras mundiais, o advento da publicidade e das relações públicas e o desenvolvimento industrial. O senso crítico não deve ser perdido, porém nunca ser sobreposto às informações e aos acontecimentos. Notícia é notícia, opinião é opinião.

O trabalho foi realizado por meio de pesquisas sobre as transmissões esportivas de rádio no Brasil, desde seu princípio até os presentes dias. A razão para a produção deste trabalho é a percepção de esgotamento e prejuízo por parte dos repórteres de rádio para que todas as demandas que lhes são impostas sejam concluídas.

A utilização do repórter de rádio para outras plataformas das emissoras é percebida a partir do princípio da década vigente e ocasionada pela defasagem das emissoras de comunicação. Quando se perde um funcionário e não é feita uma reposição, alguém deve realizar o trabalho dele, acumulando funções e mantendo a situação negativa para o empregado. Não existe mais a categoria “repórter de rádio”; os dois últimos termos da categoria foram suprimidos. Hoje em dia se é repórter e ponto. As funções – além do rádio – que são determinadas, sejam de televisão ou meios digitais, são desempenhadas com maestria pelos repórteres setoristas. Neste modelo, contudo, uma função sempre será beneficiada, enquanto as outras serão colocadas em segundo plano. Por estar ao vivo, a emissora de rádio deveria ser prioridade para os repórteres, mas, por orientações das empresas de comunicação, torna-se preterida.

Contestados se a multifuncionalidade atrapalhava o trabalho dos repórteres, prejudicando ou não a construção do trabalho para a função principal, os setoristas fixos e móveis compreendem que as vantagens são maiores para a emissora que para o próprio profissional envolvido, apesar de conseguirem concluir as demandas que têm.

Além disso, a questão ética é mais uma que é alvo da concordância dos repórteres: em hipótese alguma os jornalistas seriam capazes de omitir alguma informação por terem recebido pedido de alguma fonte ou dirigente. No máximo, evitar a sua publicação temporariamente para que não fosse prejudicial às potenciais negociações em andamento entre atletas, clubes e empresários.

Ainda sobre a multifuncionalidade, os relatos são claros: se não for feito, alguém o fará. O que deveria ser feita é a remuneração adequada às atividades que estão sendo praticadas.

Os pensamentos ficam divididos quanto à preferência por algum modelo de setorização: fixo ou móvel. Os repórteres de São Paulo, que trabalham com a cobertura exclusiva de apenas um clube de futebol, defendem seu modelo, afirmando que permite mais proximidade e que não seriam capazes de trabalhar com o outro modelo, adotado pelo estado do Rio Grande do Sul. Os gaúchos argumentam a favor do formato de setorização móvel. Por meio a escala semanal, eles descobrem a divisão que ocorre entre a cobertura de Grêmio ou Internacional. Marcelo Salzano e Matheus D'Avila entendem que o fato de Porto Alegre contar com apenas dois clubes principais facilita o modelo móvel, o que, segundo os repórteres, não ocasiona em perda de conteúdo ou proximidade com dirigentes e fontes ligadas aos clubes de futebol.

A veiculação de notícias com informações exclusivas em nada tem relação com os modelos de setorização. Seja repórter setorista fixo ou repórter setorista móvel, há casos de publicação de furos jornalísticos nos dois modelos. Sendo o biênio 2018/2019 objeto de estudo, é possível observar que os quatro jornalistas tiveram capacidade de realizar apuração por meio de informação recebida e confirmar o que lhes havia sido passado. Mera coincidência é que, no caso dos repórteres setoristas móveis, um tenha divulgado apenas informações envolvendo o Grêmio e outro tenha abrangido o Internacional. Caso fosse uma pesquisa com

período de tempo maior, poderiam ser exemplificados casos de divulgação de contratações de ambos os times por parte de Salzano e D'Avila.

A tecnologia evoluiu, a qualidade das partidas de futebol melhorou: nada mais coerente que as transmissões esportivas nas rádios acompanharem este aperfeiçoamento. Mediante o processo de criação deste trabalho, foi possível compreender que a setorização beneficia os veículos de imprensa, pois a visibilidade dos representantes da empresa nos locais dos acontecimentos agrega credibilidade e audiência para as emissoras. Ser repórter é estar nos locais onde os fatos se sucedem, identificar os ocorridos e transformá-los em notícia.

A adaptação do repórter, em decorrência do sucateamento dos veículos de comunicação é efetuada com sucesso. No mais, a responsabilidade do sucesso é unicamente por parte do repórter, não das emissoras. Discutir a setorização expõe a multifuncionalidade dos profissionais de imprensa em épocas de crises financeiras ou até institucionais. A "lei da selva" é posta em prática nas redações de empresas jornalísticas – o mais forte vence e, no caso dos repórteres, o que melhor desempenha mais de uma função durante o período de trabalho é quem se mantém em atividade.

As evoluções transpassaram as gerações e, de forma forçada, trata-se com naturalidade os impasses criados. Restam os questionamentos se é válido o jornalista ser submetido a praticar algo que não lhe compete, onde irão parar os profissionais que estão tendo suas ocupações substituídas e qual é o futuro do repórter setorista de esporte no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ABIAHY, Ana Carolina de Araújo. **O jornalismo especializado na sociedade da informação**. 2000. 27 f. Tese (Doutorado) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2000.
- ABRAMO, Cláudio. **A Regra do Jogo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988
- ABREU, Júlio Gracco Melo de Souza. **Assessoria de Imprensa em Clubes de Futebol: um estudo de caso do Botafogo F.R.**. Rio de Janeiro, 2014. Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –Universidade Federal do Rio de Janeiro –UFRJ, Escola de Comunicação –ECO.Orientador: William Dias Braga
- AMARAL, Luiz. **A objetividade jornalística** / Luiz Amaral. -- Porto Alegre : Sagra : DC Luzzatto, 1996.
- ASSIS, Cláudia M. A.**Responsabilidade social no jornalismo**. 2009.
- BARBEIRO, Herótodo, RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BERGANZA CONDE, Maria Rosa. **Periodismo Especializado**, Madrid. Ediciones Internacionales Universitarias. 2005
- CALDAS, Maria das Graças Conde. Ética e cidadania na formação do jornalista -. Ética e cidadania na formação do jornalista. **Revista Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, a. 27, n. 44, p. 85-101, 2o. sem. 2005.
- CARDOSO, Marcelo. Jornalismo especializado em esportes: uma discussão sobre a formação contínua do profissional. **Revista Alterjor**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 39-54, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/alterjor/issue/view/AJ-17>. Acesso em: 18 nov. 2019.
- CHANTLER, P.; HARRIS, S. **Radiojornalismo**. tradução e consultoria técnica Laurindo Lalo Leal Filho | . São Paulo : Summus, 1998 - (Coleção novas buscas em comunicação ; v.57).
- COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. 4. ed. rev. e atual. - São Paulo: Contexto, 2011. (Coleção Comunicação)
- DAMO, Arlei Sander. Senso de jogo in **Esporte e Sociedade**, n 1, Nov2005/Fev2006.
- DIAS, Kadu. **Placar** In Mundo das Marcas, 18 ago. 2007. Disponível em: <http://mundodasmarcas.blogspot.com/2007/08/placar-templo-do-futebol-brasileiro.html>. Acesso em 10 set. 2019
- FERNANDES, Alessandra Lemos. **Jornalismo especialização e segmentação**. Curitiba: Intersaberes, 2017.

- FERRARETTO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 17, p.173-180, set./dez. 2010.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio [recurso eletrônico]**. - São Paulo : Summus, 2014.
- GAILLARD, Philippe. **O jornalismo**. São Paulo: Europa-américa, 1974. 118 p.
- HENRIQUES, Rafael Paes. O conceito de objetividade jornalística em Luiz Amaral e Wilson Gomes. *In*: SBPJOR - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 14º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2016, Palhoça. **Anais [...]**. Palhoça, UNISUL, 2016.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- JIMENEZ, Keila; SAITO, Bruno. A Regra do Jogo. *In*: PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa (Org). **A Vida com a TV: O Poder da Televisão no Cotidiano**. São Paulo: Senac, 2002. 280 p.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro, Record, 2001.
- NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- PARADA, Marcelo Rádio: **24 horas de jornalismo**. São Paulo: Editora Panda, 2000.
- RIBEIRO, André. **Os Donos do Espetáculo**: história da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.
- SOARES, Edileuza. **A bola no ar**. - São Paulo : Summus, 1994. - (Novas buscas em comunicação ; 45)
- TAVARES, Frederico de Mello Brandão. O jornalismo especializado e a especialização periodística. **Estudos em Comunicação**, São Leopoldo, v. 5, p.115-133, maio 2009.
- TOTA, Antônio Pedro. **A Locomotiva no Ar**: Rádio e Modernidade em São Paulo. São Paulo. PW Gráficos e Editores e Secretaria do Estado de São Paulo, 1990.
- TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas** - 1993
- TUCHMAN, Gaye. 'A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas'. *In*: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – ENTREVISTA COM VINICIUS BUENO.

#### **Como diferencia um setorista de quem não é setorista?**

Eu acho que o setorista tem a obrigação de respirar o clube como ninguém, então, assim, a coisa que eu mais ouço, até com pessoas e amigos que não são da área “poxa, mas como você sabe isso” sobre a quantidade de jogos e de gols que um cara fez em setembro. Essas coisas, muito específicas, muito detalhadas é o que realmente diferencia um cara que aparece de vez em quando no clube, faz um ou outro jogo e aquele que vive e respira os 4 clubes aqui de SP. Essa é a grande diferença, você acaba recebendo mais informações em *off*, por estar lá no dia a dia, por conversar com esses caras, diferente de uma pessoa que só vai lá por causa de uma pauta, porque a mandaram ir. O rosto desse cara não é tão conhecido no dia a dia, a ponto de um profissional parar, conversar e bater um papo em *off*, esse é o grande diferencial, você parar e mergulhar a fundo num clube e saber detalhes que um outro repórter não saberia.

#### **O que é notícia para um setorista?**

Eu acho que não há uma diferenciação do que é notícia para o setorista e para o repórter que vai de vez em quando, a gente faz a faculdade para entender, primeiro, o que é notícia e a notícia é a notícia por si só, independente do ângulo que se está vendo. Notícia é notícia para os dois, aquele que é setorista e aquele que não é. É claro que o cara que é setorista, talvez, se interesse por um assunto que não seja pauta para um cara que vai de vez em quando, coisas muito específicas, detalhadas. Por exemplo, falar que teve uma mudança no departamento médico, saiu um auxiliar. Essa é uma notícia só para o setorista, que sabe o nome e a função do cara, o setorista sabe que teve essa mudança. O repórter que não vai diariamente jamais vai saber ou se interessar por essa mudança, esse pensa na provável escalação, em quem foi para o campo e quem não foi.

#### **Relação com dirigentes: setoristas x não setoristas**

Contato com o dirigente é algo de quem está lá no dia a dia, é uma confiança que vai se adquirindo aos poucos. Hoje, se eu ligar para um dirigente ou enviar mensagem, o retorno que eu vou ter é completamente diferente de um cara que é desconhecido no CT, que não aparece no dia a dia.

#### **Tem contato pessoal com dirigentes ou virtual**

O contato, na maioria das vezes, é via Whatsapp, ligação telefônica, por que os caras só param para falar na hora boa, quando interessa pra eles, ou num momento de crise, quando há necessidade de aparecerem. No geral, não aparecem para ficar conversando em *off*. No Palmeiras, você vai para acompanhar o treino - e isso é até novidade para mim, porque passei um ano cobrindo um clube que fazia treinos fechados, com a oportunidade de acompanhar apenas 10 minutos de aquecimento dos atletas. A gente não tinha como acompanhar o dia a dia do clube. Hoje a gente até tem, a gente vê o trabalho que é feito, a maneira que o Mano Menezes gosta de trabalhar, aquilo que ele quer treinar para usar no jogo.

#### **Furo/informações exclusivas**

É uma coisa que não existe uma resposta única, depende da relevância e do assunto. Tem que se ter o mínimo de cuidado na apuração e acho que é natural que se fale com um assessor de imprensa do clube, com sua fonte e um dirigente para informar que “tô com essa bomba na mão, consegui confirmar e vou dar no ar. Vocês querem ter um direito de resposta?”, acho que não tem que pedir autorização para publicar algo, mas acho que é natural que se tenha esse tipo de bate-papo, que é mais para checar se existe a intenção do outro lado ter um posicionamento.

### **Proximidade com as fontes já pediram para não publicar algo?**

Já aconteceu de me pedirem para segurar uma informação, não no sentido de não publicar e ser ameaçado de cortar relações, mas aguardar que a negociação seja concretizada, porque a publicação seria prejudicial para o negócio. Eu acho que, jamais eu deixaria de publicar algo por que alguma fonte me pediu, mas por essa confiança que se conquista, que é um jogo, né, não se pode quebrar a confiança para manter a relação no futuro. Jamais deixaria de publicar algo por alguém do clube me pedir.

### **Já pediram para publicar?**

Aí eu já acho que é um pouco mais normal. Quando alguém te procura para vazar uma informação é lógico que é do interesse dela que seja divulgado, e acho que não cabe ao jornalista pensar qual o interesse da pessoa. É natural pensar, mas não pode ser usado pela fonte, não se pode colocar o microfone como palanque para qualquer fonte. Até por se tratar de um ambiente político, acho normal que as pessoas te procurem para divulgar algo. É um dilema que precisa ser analisado caso a caso, é preocupante por que não se pode fazer o trabalho de assessoria né!?

### **Adaptação do repórter para TV, web e outras mídias**

Cara, eu acho que não dá nem para falar que é o futuro, né, há muito tempo já é uma tendência na nossa profissão e acho que é o diferencial. Hoje, quem se adapta melhor a essas plataformas tem mais espaço. Até em função da crise na profissão e da dificuldade financeira que muitas empresas enfrentam, hoje um patrão e uma empresa decidem contratar alguém que consiga suprir as necessidades em mais de uma plataforma que alguém que só consiga em uma. Então, alguns entendem que é um sucateamento da nossa profissão, onde um faz a função de três ou quatro, é claro que não é legal esse acúmulo de funções, e evidentemente esse acúmulo deve ser remunerado, é justo que se ganhe um aumento. Eu gosto da ideia de que os profissionais se adaptem às novas plataformas, porque cada vez mais o jornalista tem que ser multimídia. Antigamente o repórter de rádio ia para o treino unicamente para fazer entradas pelo telefone. Hoje esse mesmo telefone serve para você gravar e publicar vídeos, ter um outro tipo de comunicação. Cada vez mais os repórteres têm o microfone deles, para que a informação chegue até o público, mas também têm seu perfil no Twitter, que virou uma plataforma de informação também.

### **Esconde o time?**

Eu tenho o sonho de revelar e de falar abertamente o clube que eu torço, tenho algumas inspirações para isso, acho que o Mauro Beting, para nós, é uma referência, todos sabem que ele é palmeirense, todos sabem que o Juca Kfourri é corintiano, mas os caras chegam num determinado patamar profissional que as pessoas ouvem uma crítica ou elogio e entendem que, mesmo ele já tendo divulgado o time do coração, ele tá falando aquilo não por clubismo ou paixão, mas por uma análise crítica que o jornalismo pede. Acho que os jovens ainda não tem essa bagagem ainda e essas costas quentes e largas para divulgarem seu time do coração. Eu evito dizer, as pessoas da redação e meus amigos sabem, os

concorrentes também e isso é normal, a gente sabe o time de cada um. Hoje eu sou setorista do Palmeiras, mas amanhã eu posso ser do Corinthians. Eu sei diferenciar as coisas, mas o cara que está me ouvindo pode não entender isso e hoje você pode ser abordado no metrô, as pessoas podem saber o carro que você anda, então você não sabe. O mundo tá tão louco e há uma intolerância muito grande, fruto das redes sociais, hoje todo mundo tem voz muito ativa, diferente de outros momentos, que só quem tinha o microfone podia atingir muitas pessoas.

### **Veículos com foco específico no clube**

Acho que, a partir do momento que, outras mídias ganham espaço, o que eu acho super bacana, legal, acho que a mídia segmentada faz muito bem, as tradicionais têm de ter o seu espaço e elas continuam tendo, mas eu gosto de saber que as alternativas ganham cada vez mais espaço porque o torcedor gosta de procurar essas mídias alternativas justamente por que ali o assunto é 24hrs o clube do coração, o torcedor gosta desse tipo de conteúdo. Por outro lado, não sei até que ponto essas mídias novas, especializadas no clube, têm essa responsabilidade com a parte crítica, como as tradicionais têm. Todas têm espaço e é claro que quanto mais gente abordando o mesmo tema é mais difícil conseguir um furo, tem outras pessoas brigando pela mesma coisa.

### **Importância do setorista para o veículo e para o repórter**

Para a Rádio é importante ter alguém que respire o clube por que aumenta a possibilidade de fazer uma cobertura mais completa. Acho que é até difícil falar do setor rotativo, como é no RS, isso não é comum para a gente não consigo me imaginar nessa situação de hoje estar no Palmeiras, amanhã no São Paulo e depois no Corinthians, porque no fundo você não se especializa em nada. Acho que há uma dificuldade de criar vínculos e fontes a partir do momento que cada dia você tá num clube, você passa a não ser reconhecido como poderia. Para a Rádio é bacana ter um cara fixo porque o Bernardo Ramos (gerente de esportes) até fala isso aqui “ninguém sabe mais de Palmeiras que o Vinicius, ninguém sabe mais de São Paulo que o Ferretti” e por aí vai ou ao menos não deveria saber, isso aqui na Band, é óbvio. Lógico que outros concorrentes podem ter mais informações e fontes, é natural que um saiba mais que o outro.

Pro setorista tem o ônus e o bônus. Quando se é setorista, se fala e se respira muito só um clube e quando se tem a necessidade de falar de outros assuntos sente a dificuldade. Eu gostaria, hoje, de ser um cara que domina os outros assuntos, naturalmente você não se interessa muito por outros temas e times.

## **APÊNDICE B – ENTREVISTA COM JOÃO PAULO CAPPELLANES.**

### **Como diferencia**

O trabalho de um setorista, ele obviamente, fica focado numa coisa só, então acaba sendo, não vou dizer que é mais fácil, mas é menos difícil. Então quando não se é fixo tem que ficar atento a mais situações, não que um setorista não tenha que estar, isso é evidente que sim, mas o setorista tem, única e exclusivamente, perante o trabalho a obrigação de trazer a informação daquela editoria, daquela situação, daquele grupo, daquele clube. Quando se é setorista você tem a função mais específica, diferente de um outro repórter que pode abordar diversos temas e assuntos.

### **O que é notícia**

Cara, acho que talvez tenha diferença, o setorista tem o desafio diário de trazer, sempre, algo diferente daquilo que os demais setoristas estão trazendo, porque hoje em dia está muito cômodo. Você vai, acompanha o treino, entrevista coletiva e praticamente todo mundo fica com o mesmo material. O maior desafio e objetivo é você conseguir trazer algo diferente daquilo que todos estão tratando, pelo menos é o que eu passo aqui no dia a dia. Quando tem um treino fechado e só uma entrevista coletiva, muitas vezes eu não me importo com a coletiva, às vezes nem fico e se fico não faço pergunta, procuro ver se tem algum dirigente rondando o CT, ligo para os caras e tento pegar uma notícia que os outros meios de comunicação não estão divulgando, você tem que se desafiar e buscar alguma coisa diferente dos demais, acho que um repórter que tem cobertura geral tem diferentes temas a serem abordados, não só ficar rotulado. O desafio acaba sendo maior para o repórter setorista, mesmo que o trabalho de um repórter geral seja complicado também.

### **Relação com dirigentes e setoristas**

São duas situações. Aprendi muito, principalmente aqui na Rádio, que não existe amizade com dirigente ou jogador, você tem que fazer seu trabalho independentemente da situação. Sendo setorista do clube se cria um laço, uma relação de confiança, não amizade. O clube, muitas vezes, precisa de você e você precisa do clube, então muitas vezes é uma relação que um ajuda o outro, uma mão lava a outra. Eu enxergo que você tem que saber dimensionar até que ponto não vai confundir as coisas, obviamente você sendo setorista de um clube facilita muito mais seu trabalho que um cara que não vive o dia a dia. Por exemplo, eu tenho propriedade de chegar na rádio, na televisão e escrever quem está jogando bem e quem está jogando mal, posso chegar para o treinador, com embasamento, e perguntar porque ele não coloca aquele cara, já que ele está treinando bem e eu estou vendo que ele está treinando bem, por mais que eu não entenda tanto de futebol quanto o treinador, mas entender de futebol eu também entendo, assim como outros repórteres. A sua relação com o dirigente, com o treinador e com os jogadores fica mais próxima do que o repórter que não acompanha o dia a dia, é fundamental ter o setorista e utilizar o trabalho dele para que se tenha laços e que se traga informações importantes, mas a partir do momento que você virar um vínculo com o clube atrapalha o trabalho. Tem prós e contras, só colocando na balança para equilibrar.

### **Contato com dirigentes**

Existe o contato pessoal e você tem que fazer com que exista, hoje em dia está muito difícil o acesso à informação, tem que saber construir e conquistar, eu considero uma conquista, o contato com um presidente, um dirigente de futebol, diretor adjunto, membro do departamento médico. Muitas vezes eu trabalho fazendo contato pelo Whatsapp, por ligação, mas nada como você estar no dia a dia, o cara passa no corredor e você o aborda e conversa, procura saber as informações dos bastidores, né, mas o trabalho tem que ser de todas as plataformas, seja por telefone ou pessoalmente na Arena ou no CT Joaquim Grava.

### **Favorece para informações exclusivas**

Certamente, um exemplo é você colocar um repórter que cobre o Palmeiras e eu, que estou lá todos os dias e as pessoas já conhecem o meu trabalho, sabem qual é a índole, porque as pessoas percebem isso, qual é a real intenção do repórter. Isso facilita muito mais que eu consiga uma informação com mais facilidade que alguém que nunca está lá no clube, ninguém conhece e aparece de vez em quando. Você estar presente na rotina do clube facilita muito, é fundamental para que você conquiste a confiança, e não amizade, dos dirigentes.

### **Identificação - é declarado torcedor do Athletico**

Cara, sinceramente, é muito tranquilo eu até estava num debate essa semana falando sobre o Athletico, que é o time que eu torço e foi campeão da Copa do Brasil em cima do Inter. O meu time, talvez daqui 10 ou 20 anos comece a incomodar, seja um gigante no Brasil, como vocês do Sul, que tem Grêmio e Inter e têm a dificuldade de falar, como aqui em São Paulo, no Rio também, que a rivalidade é muito grande. Se eu fosse torcedor de algum clube aqui de São Paulo, me conhecendo, provavelmente eu falaria, sou um cara que não sou de esconder coisas, acho que as pessoas não revelam o time que torcem porque existe uma intolerância muito grande, você está indo comprar um pão e alguém te ataca, uma ignorância muito grande. Pela violência e também exposição em redes sociais, as pessoas têm medo de se expor, eu, particularmente, acho que falaria. Não tem nada melhor que você falar que torce para o time x, mas pode fazer uma análise e o torcedor perceber que é algo profissional. Temos o Mauro Beting como exemplo, palmeirense declarado, doente, mas consegue falar mal do Palmeiras e bem do Corinthians.

### **Mídias alternativas x furo**

Aí entra a questão da imparcialidade, clubismo e jornalismo. A gente já cansou de ver uma webrádio identificada, que são veículos identificados, para que se traga aquele amor e paixão que dê audiência, que é justamente o oposto do que eu penso, você tem que agregar e trazer a pessoa que tem curiosidade pela informação, não simplesmente pela paixão que a pessoa sente. É muito complicado concorrer, porque tem aquele ouvinte/telespectador/internauta que não quer que falem mal do seu time, então busca a própria mídia social do clube. É aquela coisa de "eu posso falar mal da minha casa, mas uma visita fazer isso não dá". Tem que saber diferenciar, é uma linha editorial a ser seguida, muita gente vai para o clubismo, que dá audiência e dá certo, ou a credibilidade, imparcialidade e a análise correta frequentando o dia a dia do clube.

### **Pedir por não publicar**

Já. Dando o exemplo do Ramiro, volante que era do Grêmio e estava negociando com o Corinthians, ninguém tinha dado e eu recebi essa informação que o Corinthians estava sondando e próximo de um acerto, foi uma surpresa porque pelo que ele fez com a camiseta do Grêmio, conquistando títulos importantes, era um cara que era tido como titular absoluto, contratação de peso, apesar de não estar jogando bem aqui no Corinthians. Eu recebi e

precisava divulgar, contratação grande. Me falaram para segurar por causa de documentação e tal, eu segurei e é uma angústia danada, mas é aquela situação de você noticiar, se queimar com a fonte e dar uma barrigada pela negociação não dar certo ou aguardar e torcer pra que ninguém tenha essa informação e não divulgue. Muitas vezes, você tem que dançar conforme a música, a informação é prioridade, mas não se pode colocar a carroça em frente dos bois. Se tem uma relação de confiança e consegue a informação, não vai querer se queimar da noite para o dia. É uma balança.

### **Pedi para publicar**

Nossa, demais. Empresários chamam direto para que fale que o jogador x não está feliz, o jornalista, muitas vezes, é manipulado e usado, mas tem que saber equilibrar as situações. Muitas vezes é uma negociação, “faz isso que te dou isso” e é como eu falei, uma balança.

### **Repórter-multifuncional**

Eu gosto muito, hoje em dia você tem que ser flexível. A partir do momento que você executa funções que não são unicamente de repórter, você tem que ganhar por isso. Se você não fizer, vão achar outro que faça, então você tem que se enquadrar. Eu sou a favor, porque o repórter quer exposição, quer aparecer, assim como qualquer outro profissional que queira ganhar. Isso faz, também, com que o profissional se desvalorize para valorizar o veículo de comunicação que ele está. Tem que fazer 4, 5 ou 6 funções e recebendo por um.

## **APÊNDICE C – ENTREVISTA COM MATHEUS D’AVILA.**

### **Rotina**

A minha rotina, dentro da Band, se estabelece dando prioridade para a TV. Basicamente, a TV vem em primeiro lugar por uma orientação, por uma doutrina da empresa. Então eu recebo a pauta sempre pela manhã (sempre, mesmo que não trabalhe pela manhã), a projeto antes de chegar aqui (sede da empresa) e quando eu chego aqui, começo a executar. Como, normalmente, a pauta é do clube que eu estou cobrindo, ela se refere ao meu setor, raras as vezes ela não se refere. Aquilo, de alguma forma, me serve de embasamento para o que eu vou falar na Rádio, pelo menos como bengala. O que eu tento fazer é manter o meu setor atualizado no Google Drive, quando eu chego e começo a focar na rádio, assim que me livro da TV, já tenho algo encaminhado, projetado. Como eu foco muito na TV na arrancada (do período de trabalho) eu me sinto muito prejudicado em relação à concorrência, então eu cuido pela internet, busco escutar para saber se deram algo, até porque a gente abre bem depois, né, uma hora depois da Guaíba, por exemplo, então eu tento cuidar para não ser furado nesse sentido. Se tem alguma pauta dentro do clube, do noticiário, eu, antes de iniciar o processo da TV, envio mensagens para, quando eu me livrar da TV, começar a fazer uma apuração mais detalhada, mas meu processo de apuração, na rádio, acaba sendo bem menor. Eu teria 3h antes de começar o programa se eu fosse só de rádio, acabo reduzindo isso para 1h, 1h30. Eu não tenho a obrigação, mas eu preciso passar aqui na Band, às vezes por uma questão de logística (retirar equipamento Tieline) ou até aprontar o material para depois concluir. Eu poderia, por exemplo, moro perto do CT do Inter, seria mais fácil eu sair de casa e ir para o CT que vir para a Band. Eu acabo sendo obrigado a vir aqui para agilizar o trabalho, porque em dado momento a gente tem o conflito de estar ao vivo para a rádio e preparar o material do dia seguinte para a TV. Então, se eu não administrar bem o tempo meu ponto (horário) pode estourar. Vira uma obrigação, senão eu acabo prejudicando a rádio quando ela estiver ao vivo.

### **Diferenciar o setor de fixo/móvel**

Eu acho, aí é achismo, por eu nunca ter sido setorista fixo. A vantagem do móvel é ter o conhecimento macro de tudo, tu conhece todas as pessoas, conhece todas as pautas e a grande diferença aqui, em relação à São Paulo e ao Rio de Janeiro é que nós só temos dois e nós somos muito específicos nesses dois. Então, querendo ou não, a gente não perde muita coisa, se não está em um, se está em outro. Por exemplo, se tu acaba ficando 2 ou 3 dias, como é de praxe na escala, num clube, quando eu for para o outro eu posso ter perdido algum detalhe. Não de lesão mais séria, mas um jogador que torceu o tornozelo, saiu do treinamento e retornou normalmente no dia seguinte ou quem, por ventura, foi improvisado em alguma função. Tu sabe tudo, mas de uma maneira macro, conhece todos e tem a rotina de todos, tem ideia do que acontece, mas alguns detalhes vão escapar. Não acho ideal, mas imagino que ser fixo pode gerar um nível de cobertura mais completo para aquele setor e eu pego o exemplo disso numa viagem mais longa ou um período de pré-temporada, quando a gente passava de 10 a 15 dias na Serra Gaúcha poderíamos dar um boletim de trás para frente, porque é um período que se está focado só naquilo, conversando com os mesmos personagens. Facilita, mas tu acaba, talvez, tendo a visão só de uma política e de um trabalho, o que eu não gosto.

### **Relação com dirigentes dos dois clubes**

O nosso contato com eles, querendo ou não, acaba sendo o mesmo, porque se eu fico 2, 3 dias no Grêmio, eu fico 2 ou 3 dias no Inter. É um espaço de tempo muito pequeno, não fica uma semana afastado, por exemplo, tu tem a possibilidade de te manter em contato, de perceberem que tu está lá, de eles darem a possibilidade de tu criar um vínculo, não de amizade, mas confiança e credibilidade. São 2 clubes e 4 rádios (de Porto Alegre que realizam a cobertura da dupla GreNal) então deve ter, sei lá, pouco mais de 30 pessoas que frequentam os dois CTs, então é bem mais fácil tu criar um vínculo se tu te apresenta, se tenta marcar presença. Nesse sentido, não chega a ser um problema

### **Contato**

Na grande maioria dos casos, o contato diário é por telefone: mensagem, ligações, Twitter. Isso é feito depois do primeiro passo, né, tu cria a relação te apresentando, ele sabendo quem tu é, não uma simples foto de perfil. Ele olhando no teu olho, conhecendo mais sobre o que tu pensa, não sobre o clube, mas o ambiente e todo o contexto. Depois que tu estabelece uma intimidade fica mais fácil de trocar mensagens e marcar território. Eu tinha um chefe que me ensinou uma coisa que eu levo em consideração: quando se conhece uma pessoa nova dentro da direção de um clube e ela tem uma representatividade ou um poder ela precisa te conhecer e para isso tu tem que falar com essa pessoa quase todo dia, porque se tu não fizer isso na arrancada, outro pode fazer e aí o dirigente vai gravar o nome do teu concorrente. Não precisa levar isso ao pé da letra, mas as pessoas do outro lado precisam te conhecer da mesma forma que tu as conhece. É aquele ditado, né, 'quem não é visto não é lembrado'.

### **Relação facilita informação exclusiva**

O contato digital é menos eficaz que o pessoal, só que hoje, querendo ou não, fontes no futebol estão cada vez mais blindada, tanto jogadores que são quase intocáveis, mas o próprio dirigente vive num ambiente diferente da reportagem. O repórter, no CT, fica numa área isolada, tu não vê o dirigente. Para isso acontecer tu tem que fazer força, tentar vê-lo, fazer quase um plantão. O contato pessoal é a maneira mais eficaz e ideal para se conseguir uma informação, mas como muitas vezes não dá ou a própria fonte prefere passar por mensagem, que aí se esconde atrás de um celular, ninguém está vendo. O problema é que não se tem o olho no olho, o tom da mensagem, a intenção da mensagem, coisas que tu sente no contato humano.

### **Pedir para não publicar**

Já me pediram e eu não publiquei no momento. Já aconteceu mais de uma vez e sempre envolvendo negociações de jogadores com clubes, processos que estão em andamento mas ainda não foram concretizados, então a pessoa me disse para segurar e eu segurei, porque não estava fechado e eu tenho para mim, uma linha editorial minha: se não aconteceu, não tá oficializado. Não que o clube precise oficializar, mas se o documento não tá assinado, o fato ainda não está concretizado e a notícia é quando o fato está concretizado, então eu esperei e lembro de uma ocasião que eu perdi a notícia e lembro de mais situações que eu dei a notícia. A transferência do atacante Jorge Henrique para o Inter é um dos casos que eu esperei e deu certo, a saída do Fellipe Bastos do Grêmio também. Pessoas pediram para eu não divulgar e eu acatei o pedido e, assim que fechou, me informaram e eu noticiei. Aí vai de cada um, no ponto da confiança, a pessoa confiou em mim e eu precisava dele, é um jogo de interesses e, no momento, eu achei que fosse o certo a se fazer.

### **Pedir para publicar**

Isso nunca, o que já aconteceu é alguém me passar alguma situação e eu sentir que era interesse. Acho que se a pessoa chega pedindo para que tu publique algo tem alguma coisa no meio, mas quando a gente fala de empresário, por exemplo, é um profissional que quer lucrar e, para isso, precisa de mídia e divulgação, normalmente sempre tem interesse por trás. Eu sempre tento filtrar bastante, não gosto de especulação, por exemplo, a não ser que haja um fato concreto por trás disso. Acho que a linha é muito tênue entre tu receber a informação e ela ser verdadeira e tu receber a informação e ela ser interesseira, vai do repórter fazer esse filtro e saber se quer vincular seu nome a isso ou não.

### **Repórter-multifuncional**

Hoje eu vejo com normalidade, acho que uma pessoa fazendo 3 coisas é muito pior que uma pessoa fazendo uma coisa, é óbvio, mas é possível e a qualidade do trabalho não é a mesma. Se tu quer um trabalho de qualidade é melhor ter um profissional para cada função, mas tem como fazer 2 coisas bem feitas. Eu não tweeto mais porque é mais uma coisa para tomar teu tempo e tu acaba dando munição para outras pessoas, eu trabalho para a rádio e TV, não para mim e o Twitter acaba virando um veículo próprio e essa não é a minha ambição, angariar seguidores não é meu objetivo do dia a dia, então o deixei de lado e considero ser uma ferramenta importante. Dá para fazer TV e rádio, mas o tempo é muito curto e a qualidade do trabalho não vai ser a mesma, o trabalho de quem faz duas ou três coisas ao mesmo tempo ele vai ser bem macro, talvez acabe sendo aprofundado em um dos veículos, pela necessidade e pelo foco, mas no outro o cobertor é curto, então isso, eu acho, já é possível ver no material que é produzido por todos os veículos, não só na Bandeirantes. Tu vê que, se botar no lado o material de 5, 6 ou 7 anos atrás, de quando eu comecei, se vê uma diferença bem considerável.

### **Revelar o time**

Quando eu comecei, tinha só um cronista identificado de uma maneira diária, que era o Guerrinha, era o único que fazia os jogos e era identificado, não era normal e eu entrei com essa cultura da isenção/proibição. Quando eu comecei a estudar, achava que era proibido, mas não é. Hoje eu não revelo porque eu não vejo necessidade, acho que não agrega nada, só satisfaz a curiosidade que as pessoas têm. Para o meu trabalho, eu ser colorado ou gremista não faz a menor diferença. Para o meu divertimento e lazer faz, se eu quiser 'tocar flauta' num amigo faz. Isso, talvez, possa ser interpretado em algum momento, como torcida e não é o caso, é trabalho. Não agrega para o meu trabalho e para a forma que a minha empresa trabalha.

### **Importância para o veículo e pro repórter**

Eu acho que o setor é fundamental, um veículo que fala de esportes ele precisa, obrigatoriamente, ter setoristas, porque é através dessa função que tu alimenta os debates, pauta a programação e marca o nome da empresa, porque o setorista é o cara que tá na rua, é o cara que representa a empresa dentro do clube. Quando o repórter vai para o treino ele está representando a empresa dele na sede dos clubes, ele traz o relato dos personagens do clube. O repórter setorista esportivo está onde o torcedor não pode estar. Hoje, por exemplo, as torcidas não têm acesso aos centros de treinamentos, algo que se perdeu, 10 anos atrás era possível acompanhar o treino do seu time e hoje não se pode mais, o setorista pode estar e contar o que acontece, essa é a magia do cargo que se ocupa, por poder representar. Quando o torcedor escuta uma pergunta é porque tinha um setorista lá fazendo isso. De todas as funções, talvez não seja a mais nobre e reconhecida, mas é uma das mais importantes.

### **Crescente utilização do jornalismo sentado**

Tem perda para o trabalho do setorista, para a empresa e para o público. Eu já trabalhei muito em redação, jogos *off tube*. É muito mais difícil, porque a gente fala da necessidade do contato, para buscar informação, e estando próximo ao clube se tem o ambiente, além do contato pessoal, e isso (relatar o ambiente não estando no local) nunca vai ser feito e o ambiente diz muito. Isso não depende do repórter, depende da empresa. Antes era uma lei a viagem, o acompanhamento e hoje não é mais por questões financeiras e comerciais.

## APÊNDICE D – ENTREVISTA COM MARCELO SALZANO.

### **Rotina**

Até pela integração que temos entre rádio e TV, eu já começo a pensar antes de começar o trabalho no que vou fazer. Temos o compromisso de fecharmos uma matéria de televisão por dia e isso demanda um pouco de tempo. Às vezes, na rádio, a gente não tem como aprofundar questões que são mais importantes, mas a prática recorrente e com a rotina que se acaba criando, eu consigo me programar e, de certa forma, desempenhar bem as duas funções, tanto de fazer a cobertura para a rádio e também fechar as matérias de TV para a 'rede' (São Paulo) e para o *Donos da Bola*.

### **Definição e diferenciação dos setores**

Isso é uma cultura do RS, né, a variação do setor entre Grêmio e Inter. Eu não considero ruim ser setorista fixo de um clube, até porque se isso acontecer pode estreitar relações de um lado e de outro. Eu, particularmente, não optaria por esse modelo, até porque acho que é legal ter informação tanto do Inter quanto do Grêmio. O setor fixo, é claro, pode criar laços com o clube e as chances de dar uma notícia exclusiva é maior, né. Eu vejo mais benefícios, pois a chance de dar notícia tanto no Inter quanto no Grêmio é maior. Hoje eu tenho mais fontes no Inter do que no Grêmio, mas isso não impede que eu consiga publicar informações exclusivas, como contratações. Eu acho que variar bastante pode ajudar quando se trabalha uma notícia de relevância.

### **Relação com dirigentes e fontes**

Eu tenho uma relação boa com todos eles, tanto o presidente do Inter Marcelo Medeiros quanto o presidente do Grêmio Romildo Bolzan Júnior, os demais dirigentes também e não tenho nada do que reclamar. Eles nunca confirmam alguma informação, mesmo que tu esteja com a apuração muito bem encaminhada, nunca vão confirmar nada. Mas, por outro lado, nunca me tiraram do caminho. Eu acredito que, por ter uma relação móvel, isso ajuda muito

### **Contato com fontes**

Atualmente, o contato é mais por WhatsApp que presencial, é raro encontrarmos dirigentes dos clubes nos treinamentos, é mais comum que os encontremos nos estádios, nos dias de jogos. Um exemplo é o dia em que Valdir Espinosa, técnico campeão do mundo pelo Grêmio, foi demitido do clube. Eu era o único repórter ao vivo no CT do Grêmio, estava com outros colegas na área reservada aos repórteres, ele chegou até a gente e começou a falar que estava sendo demitido, ninguém esperava isso porque não é comum, é raro a gente encontrá-los no CT. Muitas vezes, por ter a obrigação de fazer a matéria para a TV, o contato fica mais difícil, o tempo é apertado, mas é possível fazer sim.

### **Informação exclusiva**

Acho que, buscando a informação, se consegue dar informações exclusivas dos dois clubes. Eu sou um repórter e, é claro que ainda tenho muito chão a seguir, imagino ter criado uma história de credibilidade, por muitas das notícias que eu dei terem se concretizado. Procuro algo diferente sempre, fugir do noticiário padrão dos clubes.

### **Proximidade fonte pedir para não publicar**

Não, isso nunca me aconteceu. O máximo foi a fonte pedir para que eu preservasse o nome, é claro. Muita gente questionando e desmentindo o que eu noticieei, mas eu estava respaldado. A relação entre fonte e jornalista é a de confiança ao longo dos anos, não se constrói isso ao longo dos dias. Não é uma troca de favores, é uma troca diária de informações. Se acaba, por vezes, criando uma relação maior com um ou outro dirigente

### **Proximidade fonte pedir para publicar**

Isso nunca aconteceu e, se me pedissem, eu não aceitaria. Eu tive um episódio recente, na véspera do jogo do Inter contra o CSA, em Alagoas, eu tinha a informação que o Inter não continuaria com Odair Hellmann em 2020 e que já analisava outros nomes para a temporada. Uma pessoa me ligou dizendo que não sabia de onde eu havia tirado essa informação e que o Odair era o técnico do Inter, que haveria jogo no dia seguinte e ordenando que eu dissesse que não existia a possibilidade dele sair. O que eu fiz foi dizer que o clube negava a saída, até porque eu tinha a informação. 48 horas depois foi anunciada a saída do treinador, eu estava certo

### **Repórter-multifuncional**

Eu trabalho com muita tranquilidade, consigo lidar bem com todas as situações. Você não para nunca, desde que chega na emissora, mas eu já tenho bem determinado o que preciso fazer, então isso de abastecer minha rede social, gravar e enviar a entrevista coletiva, editá-la e fazer a TV, eu não tenho dificuldade em fazer isso. Algumas pessoas podem demorar um pouco mais, eu, normalmente, consigo fazer isso tranquilamente

### **Declarar o time**

Não revelo é uma cultura do RS. Acho que para desempenhar um trabalho de credibilidade e também de isenção nos dois clubes, não é legal revelar o time. Respeito quem pensa o contrário, mas eu não revelaria não. Acho que não é um bom caminho, é claro que isso pode mudar, mas eu prefiro manter a minha isenção. Obviamente eu torço para Inter o Grêmio e isso nunca me atrapalhou a desempenhar a função.

### **Importância para o veículo e para o repórter**

É fundamental, eu penso o rádio como ter presença nos locais. Então sempre que se tem o repórter acompanhando o clube valoriza o veículo e o profissional, além de ser uma certeza de que é uma tendência que o ouvinte vá acompanhar mais, por saber que determinado profissional sempre sabe o que está acontecendo

### **Crescente utilização do jornalismo sentado**

Acho muito ruim isso aí, porque não era uma característica do rádio esportivo, hoje a gente pode contar nos dedos quantas as emissoras viajam aos lugares. Eu sei das dificuldades financeiras, é uma crise grande, mas eu considero que o rádio precise voltar a viajar, além de tirar as empresas das zonas de conforto. Num futuro próximo, caso a CBF de fato cobre os direitos das rádios de transmitir os jogos, penso que as equipes teriam que se reinventar e, também, acompanhar os clubes onde quer que eles estejam.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)